



1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA
AUDIÊNCIA PÚBLICA
DA COMISSÃO DE TRANSPORTE E MOBILIDADE URBANA,
DESTINADA A DEBATER A MOBILIDADE URBANA
COMO DIREITO À CIDADE,
DE 27 DE OUTUBRO DE 2023.

INÍCIO ÀS 15H03MIN

TÉRMINO ÀS 17H12MIN

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Senhoras e senhores, boa tarde! A Câmara Legislativa do Distrito Federal instala-se nesta região administrativa para realizar a presente audiência pública destinada a debater a mobilidade urbana como direito à cidade por ocasião do Câmara nas Cidades na região do Pôr do Sol e Sol Nascente, uma iniciativa da Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Já se encontra à mesa, para presidir esta audiência pública, o presidente da Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana, deputado Max Maciel.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado. Boa tarde, todas e todos, Sol Nascente e Pôr do Sol.

Tenho a honra de declarar aberta a presente audiência pública para debater a mobilidade urbana como direito à cidade, por ocasião do Câmara nas Cidades na região do Pôr do Sol e do Sol Nascente.

Convido, para compor a mesa, o promotor de justiça da Primeira Promotoria de Defesa da Ordem Urbanística, Dênio Augusto de Oliveira Moura, representando o MPDFT – muito obrigado pela presença; a professora da Universidade de Brasília, mestre e doutora em arquitetura e urbanismo, Liza de Andrade; o coordenador de tráfego da concessionária Expresso São José, Manoel Messias; o administrador regional do Sol Nascente/Pôr do Sol, Cláudio Ferreira; o representante da concessionária Auto Viação Marechal, o Igor dos Santos Costa – ele até agora não chegou; representando a sociedade civil, a representante da organização Brigadas Populares, Larissa Alencar Rodrigues, que atua no Pôr do Sol – obrigado, Larissa e Brigadas; o representante do Movimento dos Trabalhadores em Teto, o MTST, Eduardo Borges, que atua no trecho 2 do Sol Nascente, 209. Assim que chegarem os representantes da Marechal e da Secretaria de Mobilidade, colocaremos cadeiras para que eles se sentem à mesa conosco.

Registro a presença do doutor Alexandre, quem também convido, caso queira, para compor a mesa conosco.

Comunidade, informo que a partir de agora estão abertas as inscrições para quem deseja fazer uso da palavra. Os interessados em falar devem sinalizar à nossa equipe, que vai estar de prontidão. A Olga está ali coma mão levantada.

Gente, devido ao tempo e à quantidade de fala, nós vamos abrir 3 minutos para cada fala da comunidade, sem prejuízo, obviamente, da escuta, que é o que mais desejamos. Os demais poderão

passar os seus questionamentos para a equipe ou para aqueles que estão acompanhando esse trabalho.

Quero agradecer, mais uma vez, à TV Câmara Distrital.

Podem fazer os seus questionamentos no *chat* do canal do YouTube ou encaminhá-los por e-mail: ctmu@cldf.gov.br. Eles serão respondidos posteriormente.

Quero agradecer ao senhor Guilherme Fernandes, do Ministério Público de Contas. Se ele puder fazer uma sinalização, seria importante. Obrigado MP de Contas, aqui, presente.

Quero agradecer ao promotor de justiça e defesa do patrimônio, de quem eu já havia falado: doutor Alexandre. Muito obrigado por estar aqui conosco. Agradeço à Claudinha, moradora do Pôr do Sol; ao senhor Antônio Martins, da Seduh. Obrigado, Seduh, por estar aqui presente conosco.

Vou iniciar dizendo que a provocação desta audiência pública é em decorrência do Câmara nas Cidades. Refere-se a uma demanda de todo o Distrito Federal que aparece, doutor Dênio, diariamente na comissão: uma melhoria na qualidade no serviço prestado pelo transporte público.

Quero dizer a todos que estão nos acompanhando que o transporte é um direito social, assim como a educação, a saúde: é para todos e todes. Está na Constituição. É dever do Estado garantir esse acesso.

No Distrito Federal não é diferente. O Estado permitiu que algumas empresas assumissem algumas bacias para prestar esse serviço. O nosso papel, na condição de presidente desta comissão, é fiscalizar, propor melhorias, fazer um acompanhamento sistêmico de diálogo com as empresas, com a sociedade civil, com o poder público para que possamos resolver grande parte dos gargalos.

Chamamos essa provocação, decorrente de um debate com o Ministério Público. Como estamos mais enraizados nesse território, no processo da escuta, a comissão realizou um estudo, administrador Cláudio, senhoras e senhores, das linhas de ônibus que passam pelo Pôr do Sol e pelo Sol Nascente. Se já estiver disponível a apresentação desenvolvida pela Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana, eu gostaria de pedi-la à técnica.

Em que se debruçou esse estudo? Nós pegamos cada uma das linhas, fizemos um estudo do trajeto delas, do horário delas, da frequência delas, Débora, e cruzamos o resultado com a necessidade da população. E descobrimos coisas.

Todo mundo aqui vai falar até coisa pior do que nós descobrimos. Constatamos, Sol, o quanto a pesquisa de origem e destino, Tânia, de que estávamos comentando faz falta para uma cidade recém-criada, professora Liza, como o Sol Nascente/Pôr do Sol. Criamos uma nova RA, mas não discutimos com deveria ser o fluxo do transporte da mobilidade urbana para essa cidade.

A demanda, às vezes, está aqui a expresso São José, está suprimida. Talvez a São José tenha colocado a quantidade de ônibus que o Estado disse ser a demanda daquele lugar, mas a demanda não bate. Ônibus lotado, saídas atrasadas, frequência inalterada. E esse é o nosso papel, apontar tais fatos.

Para quem está na mesa, a apresentação está disponibilizada para todos vocês por meio de um dispositivo. Vamos compartilhar esta apresentação no *site*, no portal da CLDF, no campo da CTMU.

Para quem tiver condição de assistir, está ali a apresentação do *slide*. Vocês vão ver que, no estudo, fizemos, inclusive, o desenho do itinerário e o registro do tempo do itinerário, ou seja, quanto tempo dura a rota desse itinerário, a frequência e o quanto essa frequência diminui no final de semana, por exemplo.

(Mostra projeção.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Eu queria chamar a atenção de vocês para o primeiro *slide*, que chamou muito a nossa atenção. Trata-se do circular 0.039. O tempo dele – ou

seja, sair do Sol Nascente, andar pela Ceilândia e parar em Arniqueira – é de 3 horas e 23 minutos.

Nós fizemos até uma brincadeira, porque a internet nos permite fazer memes, do que era possível fazer em 3 horas. A pessoa poderia ir para a Chapada, para Pirenópolis. Em 3 horas, as pessoas atualizam um *podcast* que está vencido, estudam, arrumam os meninos para irem à escola, fazem comida, assistem a um filme, vão a uma peça de teatro. Então, é óbvio que ninguém quer ficar 3 horas dentro de um ônibus, mas ele faz esse percurso todo e as pessoas vão desembarcando no meio do caminho.

Será que esse trajeto é o mais inteligente? Será que onde a maioria das pessoas que pegam esse circular desce é, de fato, o ponto final? Isso é importante, e o estudo está apresentando isso.

Pode ir passando os *slides*. Vamos acompanhando. *Slides* 2, 3, 4... Tudo isso, pessoal, estará no nosso *site*.

Ali, de vermelho, vocês vão ver a rota por que cada linha de ônibus passa. Temos feito essas proximidades.

Sem muito me alongar, eu não sei se a técnica vai conseguir me acompanhar, mas eu queria passar para o item 16, nas páginas 16 e 18. Coloque no item 16, que vai parecer lá em cima 364.3.

É esse aí. Essa linha chamou a nossa atenção. Por quê? No nosso estudo, aparece uma outra linha, a 364.5, que faz exatamente o mesmo trajeto. É a mesma linha, o mesmo trajeto. É o mesmo lugar para onde ela vai. Talvez ela tenha uma extensão um pouco maior para um ou outro lugar.

O que chamou a nossa atenção, pessoal, e que é importante trazer para vocês? Na segunda-feira, essa linha faz 20 viagens. A linha 364.3 faz 45 viagens no dia; e a segunda faz 20 viagens. No sábado, ela cai... Na verdade, ela sobe. Ela cai um pouquinho segundo o nosso informativo. Acho que eu só troquei ali o aplicativo.

Qual é o nosso objetivo? Colaborar com a São José, que é a sede da Expresso São José. Como podemos fazer um reestudo para unificar essas linhas com o objetivo de atender a comunidade, sem suprimir uma pela outra determinado final de semana?

Para vocês entenderem, quero dizer que a São José e a Marechal cumprem uma ordem de serviço. Quem determina horário, frequência, local é a secretaria, é o Poder Executivo. Quem estiver faltando aqui, tirando o administrador Cláudio, nós vamos puxar a orelha.

Eu queria passar para um outro ponto. No *slide* 21, vocês vão ver a linha 928.2. Essa linha é o reflexo do resumo que eu vou passar para vocês. Doutor Dênio, ela tem 42 viagens. No sábado, cai para 21. É menos de 50% da frota no sábado. No domingo, cai para 7 viagens. Reduzem-se 83% das viagens. E sabe o que essa linha faz? Ela é o que chamamos de alimentadora. Ela faz um circular QNR 5; condomínio Sol Nascente, trecho 3; e o metrô estação Ceilândia. A pessoa pega o circular, desce no metrô e, de lá, pode ir ao Plano Piloto. Mas olha só o que nosso estudo constatou: enquanto de segunda a sexta, professora Liza, Claudinha, administrador Cláudio, ela vai até 11 horas da noite; no sábado, quando se reduz à metade, a última viagem termina 7 horas da noite e, no domingo, acaba meio-dia e 24.

Isso é um reflexo de que a comunidade do Sol Nascente não tem direito à cidade no final de semana. Ela está ilhada, não consegue sair da cidade. Se quiser levar o filho para assistir a uma peça, a um teatro; se quiser visitar alguém, uma família, praticamente sente-se obrigada a ficar em casa.

O que nosso estudo está apontando? Que a lógica do transporte ainda se baseia numa lógica apenas de servir ao trabalho, quando a população tem que sair de manhã e voltar à tarde. No final de semana: "Olha, você não pode sair daí. Fica em casa." Qual é argumento do Estado? Falta demanda. Só que é isso que estamos perguntando ao Governo do Distrito Federal. Qual é o estudo que baliza não haver demanda?

Quando rodamos por aqui, no Pôr do Sol e Sol Nascente, o comentário que mais ouvimos

era: "Eu não consigo sair"; "Eu não consigo pegar ônibus"; "Eu não consigo ir para tal lugar"; "O ônibus fecha tal horário".

Isso tudo, gente, vai estar compartilhado com vocês.

Eu queria pegar aqui esse resumo na tela. O resumo geral é isso. Nós temos 30 linhas de ônibus no Pôr do Sol e Sol Nascente, sendo que 21 linhas da Expresso São José são no Sol Nascente, e 9 linhas, da empresa Marechal, atendem a parte do Pôr do Sol. O que acontece? A Marechal, no Pôr do Sol, no sábado, faz uma redução de linhas de 44% e, no domingo, diminui 89% das linhas. Por isso, Claudinha, você reclama que, no sábado à tarde, você não consegue mais sair do Pôr do Sol.

Aqui no Sol Nascente, há 7 linhas, por exemplo, que não operam no sábado e 9 que não operam no domingo. Temos uma redução de 69% das linhas que deixam de circular. No somatório geral, nos domingos e feriados, temos 79% das linhas que somem na cidade do Sol Nascente. Setenta por cento das linhas deixam de existir no Pôr do Sol e no Sol Nascente. As pessoas não conseguem vivenciar a sua cidade. Qual é o custo disso? Há um custo.

Adiante só um pouquinho a projeção, pode adiantar. Vocês vão ver um quadrinho ali. Parece um joguinho de videogame. Esse estudo, gente, foi a nossa que equipe fez. Tudo o que está em escuro é o buraco que existe na linha.

Temos linha que passa o dia todo, mas quando chega um determinado dia da semana, ela some. Ela deixa de existir. Temos linha de ônibus, por exemplo, para a W3 Norte, que só tem 2 linhas de ônibus de manhã – às 6 e meia e às 7 e meia. Ela some e só volta às 5 da tarde.

Ou a pessoa sai às 6 e meia para ir a W3 Norte ou, se ela, de repente, precisar chegar a W3 Norte às 10 da manhã, ela vai ter que pegar 3 ônibus ou fazer qualquer tipo de manobra para acessar esse lugar.

Pode adiantar a projeção. Volte um pouquinho. Aí.

Eu quero dizer para vocês que ali estão os valores pagos – isso é transparência pública: R\$1.971.946.000,00 já foram pagos para as empresas de transportes públicos no Distrito Federal.

Há problema em pagar as empresas? Não. Se elas estão cumprindo o termo do contrato, elas devem receber. O que estamos questionando é de onde esse cálculo saiu? Por quê? Isso para explicar para a comunidade.

Deem-me licença para eu pegar a minha colinha. Já estou encerrando.

Aqui vocês, talvez, não vejam, mas há os seguintes valores: R\$7,80; R\$8,80; R\$9,25; R\$7,74; R\$11,00. Esse é o valor real da tarifa de transporte no Distrito Federal. Quando você paga R\$2,70, o Estado complementa com a tarifa técnica para chegar aos R\$7,00; quando você paga R\$5,50, o Estado complementa para chegar aos R\$11,00. Então, a passagem não custa só R\$5,50 – o que já seria caro –, ela custa R\$11,00 dependendo do trecho.

E o que acontece? Quando se faz a integração, ou seja, eu pego um circular aqui e vou pegar um ônibus no centro de Ceilândia, muita gente só passa o cartão e paga R\$3,80 – porque pegou o ônibus mais rápido –, mas o Estado vai complementar o valor, dependendo de quem opera, para chegar aos R\$7,00 ou R\$9,00.

Quando você desce no centro de Ceilândia e pega outro ônibus para o Plano Piloto, seria quanto? Seria R\$5,50, certo? Muita gente passa na catraca e dá zerado. Então, você fala assim: "Olha, é a integração, eu não paguei nada!" Só que o Estado paga os R\$11,00.

É assim que funciona hoje o cálculo tarifário no Distrito Federal. O passageiro não é do sistema, ele é da empresa. Quantas vezes você subir e descer do ônibus, o Estado vai pagar. Se você pagar, o Estado vai pagar uma parte; se tiver zero, o Estado vai pagar cheio.

Estamos reclamando para que o Estado não pague? Não. Estamos querendo que o Estado

pague tudo e não paguemos nada, que seria a tarifa zero. Porque, desse valor todo de 1 bilhão, está fora o que vocês pagaram na catraca. Isso corresponde a 70% do recurso do transporte público.

Ou seja, o Governo do Distrito Federal, com nossos impostos, já paga 70% do custo. Nós, quando passamos o vale-transporte ou pagamos com o dinheiro do bolso, pagamos apenas 30% – não dá para achar, no orçamento, 30% e as pessoas terem acesso gratuito? Onze reais, para uma família, contam muito. Onze reais, como ouvimos de uma mãe ontem, impedem-na de fazer o tratamento do filho, porque ela não tem 11 reais. Porque não são só 11 reais dela. São 11 reais dela e, dependendo do filho, do filho também se o filho não tiver o cartão PNE, se o filho não tiver gratuidade.

Fiz essa introdução e eu queria consultar se a Adriana tem mais alguma coisa para colocar junto com a comissão. (Pausa.)

Isso tudo, gente, é o diagnóstico do que vocês sentem na pele no dia a dia, que queremos mudar.

Volte aos *slides* anteriores até chegar às rotas das linhas.

Vejam que, embaixo de cada linha, há uma sugestão. Estão vendo? Já estamos transformando essas sugestões em documento. Nós vamos apresentar isso à Secretaria de Mobilidade para que ela atualize e mude a ordem de serviço com as empresas: ampliação de horário; aumento de frota, sobretudo nos fins de semana, sábados, domingos e feriados.

Com isso, encerro a apresentação. Vou passar a palavra aos colegas da mesa para que colaborem um pouco conosco.

Passo a palavra ao coordenador de tráfego da concessionária São José, senhor Manoel Messias, por até 5 minutos ou 7 minutos.

MANOEL MESSIAS – Boa tarde a todos. É realmente com muita satisfação estarmos aqui, próximos à comunidade.

Em relação aos levantamentos, aos estudos, eu gostaria de deixar pontuado que, assim que a Expresso São José iniciou sua operação no Sol Nascente, trecho 2, juntamente com os estudos feitos à época com a Secretaria de Transporte e Mobilidade, originou-se o terminal Pinheiros, hoje ainda provisório.

Quando iniciamos essa operação, havia a linha 364.3 em outra característica, mas, com a modificação, com a adaptação provisória no Pinheiros – no Sol Nascente, trecho 2 –, a operadora ofereceu, como uma das mudanças para o momento, a linha 159, uma linha bastante conhecida da nossa região.

Para que isso se tornasse possível, a operadora custeou e custeia até hoje a água e a luz e aguarda a conclusão do nosso terminal na busca realmente da continuidade das melhorias que realmente precisamos fazer. Isso é uma pontuação, mas são obstáculos.

Sempre estaremos, com certeza, à disposição, deputado, mesa, para que nós consigamos realmente, da melhor forma, as soluções cabíveis. Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Manoel Messias.

É importante, gente, reforçar aqui a fala do Manoel Messias. Há um terminal no trecho 2, na quadra 209, que construíram completamente errado. Construíram um terminal debaixo de um fio de alta tensão, com um poste entre a entrada e a saída dos veículos e sem a área de recuo do ônibus. Ou seja, o ônibus vai ter que recuar na pista atrapalhando. O ônibus, quando conseguir entrar, não conseguirá manobrar.

Eu fico sempre martelando na ineficiência da gestão do gasto público. Colocaram o terminal e estão parados, estão lá tentando colocar o tijolinho. Ele vai ter difícil operação. Ele vai virar mais um grande ponto de ônibus do que um terminal completo, porque os ônibus das empresas vão ter

dificuldade de acostar nesse terminal. Então, fica aqui também esse registro que nós fizemos.

Registro a presença do Fernando Vieira, que representa o deputado Wellington Luiz, presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Obrigado. Está aqui o professor Nelson, que representa o gabinete deputado Chico Vigilante. Muito obrigado por estar aqui presente também. Está aqui também o Rafael Lima, que está representando a Suop, que é a Subsecretaria de Operações. Eu queria agradecer sua presença.

Passo a palavra ao administrador do Sol Nascente/Pôr do Sol, senhor Cláudio Ferreira.

CLÁUDIO FERREIRA – Boa tarde a todos. Quero cumprimentar nosso deputado Max Maciel e também o doutor Dênio Augusto, do Ministério Público. Deixo registrado também que o Ministério Público tem sido um grande parceiro na pessoa da doutora Livia, que tem nos ajudado muito também. Também cumprimento a professora da UnB Liza de Andrade; o nosso coordenador de tráfego da empresa São José, Manoel Messias; a senhora representante da organização Brigadas Populares, Larissa Alencar Rodrigues; e o senhor representante do Movimento dos Trabalhadores sem Teto, Eduardo Borges.

Primeiramente, quero exaltar aqui o trabalho do deputado. Esse é um tema muito sensível e importante, porque, deputado, também na administração, nós recebemos várias demandas, seja na ouvidoria, seja no bate-papo com a comunidade.

O Sol Nascente hoje é uma cidade, é a RA XXXII. Sabemos que, sobre o transporte, há várias demandas que o GDF tem que resolver. A comunidade fala, aponta. Se ela está falando e está apontando, é porque é preciso resolver alguns problemas.

Hoje mesmo estivemos com o secretário José Humberto e batemos um papo com ele. Deixo registrado que nós descemos até o terminal do trecho 2, onde conversamos com o secretário, e essas demandas, esses problemas foram passados. O secretário garantiu que dia 1º de dezembro será inaugurado, já com esses problemas resolvidos. Conversamos também com o dono da empresa.

É importante o papel do Câmara nas Cidades. A administração e as lideranças demandam. Aqui estão vários líderes. Escolho o Edson Batista e a Claudinha para representar as demais lideranças.

Deputado, acredito que o governador Ibaneis Rocha vá tomar algumas providências em relação a todas as demandas e a tudo que foi levantado pelo seu gabinete, juntamente com a comunidade e as lideranças que aqui estão.

O transporte público é um direito social, é o direito de ir e vir. Aqueles que têm carro, nos finais de semana, vão para parques, cinemas e teatros. Aqueles que não têm carro precisam do transporte público.

Então, quero deixar os meus parabéns para o deputado e sua equipe por esta audiência pública bem trabalhada e bem objetiva.

Achei interessante trazermos cada ponto e cada linha de ônibus. Acredito que assim ficará muito mais fácil para o GDF resolver a questão.

Agradeço a todos. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, administrador Cláudio.

Passo a palavra ao promotor de justiça de defesa da ordem urbanística, Dênio Augusto de Oliveira Moura, a quem agradeço por estar conosco nesta audiência.

DÊNIO AUGUSTO DE OLIVEIRA MOURA – Boa tarde a todos.

Cumprimento o deputado Max Maciel, a quem agradeço o convite. Cumprimento os demais integrantes da mesa e todos os presentes. É uma satisfação estar aqui.

Como o deputado disse, sou promotor de justiça de defesa da ordem urbanística. Em mobilidade urbana, tenho atribuições em todo o Distrito Federal. Em minhas outras atribuições, não

atuo no Pôr do Sol e no Sol Nascente. Em mobilidade, sim.

A primeira coisa que eu queria frisar é o conceito de mobilidade urbana. Ela não é simplesmente o direito de ir e vir. Quando negamos o direito de mobilidade urbana, estamos negando quase tudo: saúde, educação, lazer e convivência. Então, mobilidade urbana é um direito complexo, que traz consigo uma série de outros direitos e, por isso, ele não pode ser negado.

Sob outro ponto de vista, não podemos esquecer que, quando estamos falando de mobilidade, não estamos falando só de transporte coletivo. Temos que lembrar também a mobilidade ativa, que engloba a bicicleta e o andar a pé, o pedestre. Quando estamos falando dessa política pública, estamos falando de todo um sistema que deveria ser integrado para que as pessoas pudessem, no dia a dia, se locomover parte a pé, parte de bicicleta, pegar ônibus ou metrô e chegar a seus destinos. Temos sempre buscado mostrar a necessidade de integração da política de mobilidade urbana.

Outro ponto que eu queria destacar é o seguinte: a legislação prevê, no que diz respeito à política urbana e à política de mobilidade, além da participação dos nossos representantes no Poder Executivo e no Poder Legislativo, o direito à participação social em todas as etapas, desde a elaboração da política à implementação da política, e, depois, na fiscalização da política.

Nós temos diversos mecanismos para fazer isso. Além do trabalho dos deputados, do governador, das secretarias, nós temos alguns mecanismos. Vou citar aqui, por exemplo, os conselhos locais de planejamento, aproveitando até a presença do administrador regional.

Acredito que aqui, até agora, esse conselho não exista por ser uma administração regional jovem ainda, mas esse é justamente um órgão a ser composto por representantes da sociedade local que vai auxiliar o administrador regional no planejamento da cidade. Esse é um direito que não tem sido observado em muitas administrações regionais. Ele é um órgão que diz respeito a tudo: ao equipamento público, à mobilidade, ao que está faltando e ao que está bom.

A sociedade civil pode se organizar. Existe uma legislação que fala como esses conselhos devem ser implementados, instituídos, qual a composição deles e como se escolhem os membros. A maioria das administrações regionais do Distrito Federal ainda não os têm, e, muitas vezes, as pessoas nem sabem que têm esse direito. E, por incrível que pareça, aquelas administrações que os têm geralmente são aquelas que já estão mais bem atendidas, como o Lago Norte, em que as pessoas se organizam e exigem a implementação do conselho local de planejamento.

Além disso, temos as consultas públicas e as audiências públicas, como esta aqui. São várias formas de participação popular, e nós precisamos ocupar esses espaços. Precisamos exigir a participação sob pena de uma decisão ser considerada, inclusive, nula por falta de participação social.

Além desses mecanismos formais e institucionais de participação, a própria sociedade pode criar os dela. Eu mesmo, como membro do Ministério Público, atualmente, coordeno uma rede chamada Rede Urbanidade, que é a rede de promoção da mobilidade sustentável do transporte coletivo.

O que é essa rede? É um grupo de associações, de entidades da sociedade civil que se organizaram para tentar contrabalançar as forças no que diz respeito à mobilidade.

Só para deixar claro, ultimamente a rede está procurando buscar parcerias que ultrapassem a região do Plano Piloto. Em Taguatinga, nós conseguimos agora uma parceria importante com uma associação de lá. Nós já temos em Planaltina. Já temos no Guará.

Eu estou dizendo isso só para deixar aberta a possibilidade de se identificar uma associação ou mesmo um movimento sem personalidade jurídica aqui de Ceilândia que lide com mobilidade urbana e que venha a fazer parte da rede conosco para discutirmos esses problemas todos que o deputado apontou aqui e que precisam ser discutidos todo dia.

Todo dia, discutimos essas questões, buscando soluções e cobrando de quem tem que ser

cobrado para que adote as providências.

Era isso o que eu gostaria de registrar.

Muito obrigado mais uma vez. Desejo a todos uma ótima audiência. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, doutor Dênio.

Antes de mais nada, quero reforçar o agradecimento. Temos ido também às agendas da Urbanidade. Essa troca é fundamental entre os setores e os Poderes na busca de melhorar e aprimorar a fiscalização para o cumprimento real e efetivo da política pública.

Concedo a palavra à professora Liza de Andrade.

Antes, porém, registro que, para esta audiência, convidamos o pessoal do BRB para discutir o BRB Mobilidade. Há famílias com dificuldade de conseguir o acesso à gratuidade ou de fazer o cadastro, porque o único ponto que existe é no Plano Piloto. As pessoas têm dificuldade de sair da cidade devido ao que mostramos aqui, que é o relatório dos ônibus, e têm dificuldade de acessar lá.

O representante do BRB nos informou que devido a compromisso não pôde comparecer. Quero reforçar que mandamos o convite no dia 5 de outubro.

Também, dialogando muito nessa perspectiva da mobilidade ativa e de todos os pacotes de obras que estão se desempenhando dentro do Sol Nascente e Pôr do Sol, convidamos o secretário de obras, o secretário Luciano, para que ele viesse ou encaminhasse uma equipe para nos apresentar todo o planejamento de obras para a cidade; para ver se vão ser incluídas, efetivamente, ciclovias, calçadas, acessibilidade para cadeirante ou quem tem mobilidade reduzida. Isso também é importante, mas, da mesma forma, recebemos um ofício agora informando que ele não vai poder comparecer.

Neste momento, concedo a palavra à professora da Universidade de Brasília, mestre e doutora em arquitetura e urbanismo, professora Liza de Andrade.

LIZA DE ANDRADE – Eu agradeço a possibilidade de estar aqui. Parabéns! Que trabalho fantástico! Agradeço demais.

Cumprimento todos os integrantes da mesa presentes.

Vou falar rapidamente porque o tempo é curto. Quando a Adriana me convidou, eu falei: “Adriana, não sou especialista em mobilidade”. A minha visão é mais macro do direito à cidade, do direito à vida. Falo direito à vida, porque trabalho há muitos anos com a visão das mudanças climáticas e estou muito preocupada com o que está acontecendo no Sol Nascente.

Então, eu gostaria de mostrar a vocês rapidamente uma oficina que fizemos.

(Mostra projeção.)

LIZA DE ANDRADE – Essa imagem me chocou bastante, as crianças descendo a ladeira e a água correndo. As crianças estão quase sendo arrastadas.

O Sol Nascente todo está com um problema seriíssimo. Administrador, precisamos fazer um apelo. Aqui o acesso à cidade está comprometido. Além de eles estarem ilhados com a mobilidade, a mobilidade ativa não existe praticamente.

Vejam o trecho 3. Isso aqui é um tobogã de água. Dificilmente isso vai ser resolvido com a drenagem. Para resolver, conforme a Novacap falou, são 600 milhões de reais, e precisa vir desde a Ceilândia. Isso não vai acontecer. Então, a comunidade está ilhada. Quando chove, ninguém sobe e ninguém desce, e eles ainda estão correndo risco de vida.

Olhem a drenagem que existe hoje. Olhem a falta de áreas verdes. Ninguém vive assim. As temperaturas vão subir. A mobilidade ativa depende do verde, senão ninguém consegue andar de bicicleta nem a pé. Vejam a Defesa Civil alertando sobre o problema sério. Mas não adianta a Defesa Civil vir aqui e falar: “Você está correndo risco”. Não adianta!

Gente, de manhã, eu estava na oficina do Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil. Eu estava contribuindo nesse plano e falando com os representantes da Defesa Civil: "Vocês têm que chegar à comunidade". Nós temos que fazer planos comunitários.

Isso que o promotor falou do conselho comunitário, temos que fazer para tudo. Para trazer não só equipamentos, mas também trazer o direito à vida.

Olhem aqui a situação quando há chuva forte. Em qualquer lugar do mundo, hoje já se fala na proteção em termos de gestão de risco. É uma sigla. Redução do risco de desastres, RRD. Então, todos nós temos que ficar alertas a isso.

Nessa imagem está a Defesa Civil. Eu conversei com o pessoal do Distrito Federal, eles me prometeram vir aqui para o Sol Nascente para criarmos um núcleo comunitário.

Então, temos soluções baseadas na natureza. Estamos fazendo um trabalho de mobilização junto à comunidade. Nós fizemos um curso de 3 finais de semana para aplicarmos no Sol Nascente. Talvez não precisemos de 600 milhões. É muito mais barato se trouxermos soluções baseadas na natureza. E vai ajudar a mobilidade ativa, e devolver o direito à vida dessa população.

Aqui, gente, está a defesa da Lagoinha. Como é que pode a Lagoinha estar largada desse jeito? É uma das poucas regiões que têm água. E isso pode ser um parque! Aqui não tem parque, não tem praça, não tem nada!

Então, fazemos esse trabalho. Fizemos a aplicação. Isso tudo aqui está sendo feito no mundo inteiro. O que eu posso fazer? Eu posso fazer contenção; eu posso fazer terraças; eu posso fazer canais de infiltração: isso tudo diminui as galerias. Vocês viram a altura das galerias que estão fazendo lá? E não vão adiantar.

Olhem a maquete. Essas bolinhas são em Ceilândia. Aqui, gente, é Ceilândia. E ali é o trecho 3. Então, só para vocês terem ideia, o que isto significa? A água vem com velocidade total. Aqui é o trecho 3, e nada freia essa água, nada.

O que tinha que ser feito? Tinham que ser feitas ruas intercaladas com áreas verdes para a água não pegar essa velocidade toda. Isso significa que os rios estão detonados, estão assoreados, e a comunidade está ilhada, não tem como sair.

Então, nós vamos fazer um plano comunitário, a partir do ano que vem, junto com o governo federal, com a Secretaria Nacional de Periferias e com a Defesa Civil. Nós viremos para cá. Nós vamos tentar fazer o Sol Nascente ter direito à vida.

São várias as soluções. Cidade de 15 minutos, em que você possa fazer tudo a pé. No mundo inteiro falam em cidade de 15 minutos, em que você tenha comércio, que você tenha praça, que você resolva tudo no bairro, que você não precise ficar dependendo de fazer grande circulação.

Vemos essas bacias de contenção que estão dando problema. Na hora em que a chuva forte vem, elas enchem e a água sai carregando as casas.

Nós fizemos o curso, aqui está um exemplo do começo, o que nós podemos fazer. Isso tudo vai virar um plano comunitário. Todo mundo está aqui, nós só conseguimos trabalhar com a comunidade – são vocês que entendem disso. É impressionante como a comunidade conhece o lugar, sabe de tudo. Vocês podem fazer um plano, podem contar conosco.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, professora Liza.

É importante reforçar esse belíssimo trabalho que a professora faz com as turmas e com a comunidade, buscando colaborar com o desenvolvimento desta cidade. Se não houver espaços para que as pessoas caminhem, com calçadas apropriadas para o cadeirante, as pessoas vão disputar com os grandes, com os ônibus, com os veículos, como acontece no Pôr do Sol, onde, se um cadeirante precisar subir em um ônibus, tem que ficar lá, e não dá para descer. Às vezes, o ônibus

não sabe quem está subindo e desce. Não dá tempo, o degrau é alto, é um filete, só cabe uma pessoa em pé.

Tudo bem, foi a forma como a cidade se constituiu, mas pode haver uma saída quando nós envolvemos a inteligência da comunidade e da academia com o poder público em suas várias esferas, buscando solucionar esses problemas, até para evitar quebra de recursos. A professora Liza já vem pontuando isso.

Eu achei que a senhora iria mostrar o regime das águas. Não sei se vocês sabem, mas, se nós olharmos o mapa do regime das águas, enquanto em algumas cidades há apenas um pingote de caneta representando uma escala de milímetros de água, na Ceilândia, há uma bolota azul gigante. Gente, o que virá de chuva... nós temos que preparar a comunidade. Infelizmente será bem crítico, a chuva vai se intensificar. Por que ela se intensifica? Porque nós criamos ilhas de calor, nós cortamos as árvores, não fazemos um plano de incentivo em que cada um cuida da sua árvore. Deveria haver um incentivo: "Sua casa tem tantos metros quadrados, vamos manter a área verde para não a impermeabilizar e evitar que a água entre nas galerias".

Nós não estamos aqui para defender as empresas, mas nós rodamos com elas. Para um ônibus biarticulado rodar no Sol Nascente, o motorista tem que ser muito bom para que possa desviar do buraco e entrar em uma rua pequena. O ônibus não aguenta.

É importante dizer que o ônibus está sob responsabilidade da empresa, mas ele é nosso, porque quem o paga somos nós. Quando a empresa adquire um veículo, ela coloca no balanço do equilíbrio econômico-financeiro – nome técnico –, para o GDF pagar. Esse é um questionamento, por exemplo, que nós estamos fazendo para a secretaria: já que nós pagamos pelo ônibus, por que não há ar-condicionado? Não nos perguntaram se a tecnologia embarcada que a São José comprará para o novo ônibus deveria vir com ar-condicionado. O pessoal fala: "Ele vai comprar um ônibus para baratear". Mas nós já estamos pagando, não é mais sobre o que é barato, é sobre o que é qualidade. Se o povo está pagando, ele quer a qualidade do serviço.

Há paradas de ônibus aqui no Pôr do Sol e no Sol Nascente improvisadas, onde a pessoa de melhor idade não consegue ter acesso ao ônibus porque ele é alto, é um chassi de caminhão com a carroceria em cima. O desnível é tão grande que uma pessoa com mobilidade reduzida tem dificuldade de acessar, e isso acaba gerando impaciência: impaciência do motorista, que tem horário para bater o ponto; impaciência para quem está dentro do ônibus e está atrasado – a pessoa fala "vamos logo", achando que a outra está conversando, mas ela está com dificuldade de subir no ônibus. Por quê? Porque cada parada é de um jeito, com alturas diferentes, com acessos diferentes.

E as pessoas falam: "Mas isso é burocratizar!" Não, não é burocratizar. Nós já não definimos que ali vai passar o ônibus? Nós não definimos que lá tinha que ser o terminal? Então, existe um projeto para o terminal e deve haver uma fiscalização de como vai ser feito. Não dá para um terminal ser feito debaixo de uma linha de alta tensão, e, depois de pronto, descobrirem que está debaixo de uma linha de alta tensão! Não é possível que ninguém tenha visto que estavam construindo um terminal nessas circunstâncias. Nós ficamos oficializando o Ministério Público, o Tribunal de Contas, e ficamos como chatos. Isso cansa um pouco. Meu Deus, vamos fazer o básico, que é planejamento real de onde vão colocar as coisas. A professora Liza tem feito esse trabalho muito bem.

Concedo a palavra à representante das Brigadas Populares, Larissa Alencar Rodrigues. Desde já, agradeço sua presença.

Em seguida, fará uso da palavra o representante do MTST, Eduardo Borges.

Quero registrar a presença da Bisa, do Jura, e de todos que estão aqui. Muito obrigado.

LARISSA ALENCAR RODRIGUES – Vou permanecer sentada para acompanhar as anotações. Quero cumprimentar todos os presentes, bem como todos que estão nesta mesa.

Vou começar me apresentando e dizendo também que eu vou falar da perspectiva de quem pega ônibus desde os 13 anos de idade até hoje. Um desses é o que eu pego todos os dias e vou

contar um pouco dos perrengues para vocês para compartilhar a minha experiência e para tentarmos entender as dificuldades e descobirmos o que pode ser feito.

Eu sou a Larissa Rodrigues, secretária política das Brigadas Populares, que é uma organização, um movimento social de esquerda, que atua principalmente em São Sebastião, no Morro da Cruz, mas também tem começado a se inserir no Pôr do Sol, que é o local onde eu cresci. Nasci na Ceilândia, moro no Pôr do Sol desde os 9 anos de idade, estou com 30 anos e conheço bem o que é morar no Pôr do Sol desde o começo.

Quando não estou construindo políticas, eu estou trabalhando. Tenho um emprego comum, tenho que entrar às 8 horas no trabalho, na W3 Norte. Graças à ampliação das universidades, eu consegui fazer Farmácia na UnB, fiz mestrado na UnB de Ceilândia – foi muito bom fazer perto de casa –, mas sempre estou nesse perrengue. Falo para compartilhar um pouco com vocês como é a rotina de todo mundo.

Hoje, no Pôr do Sol, nós temos duas linhas para o Plano Piloto, além das duas linhas circulares – o que melhorou muito. Se antes eu tinha que acordar às 5 horas da manhã, andar até o P Sul e esperar o ônibus de lá, que já vem lotado – passa no P4 lotadíssimo –, hoje, as duas linhas me permitem acordar um pouco mais tarde. Às 6 e meia, eu já tenho que estar na parada. É tarde, mas ainda é cedo, não é? Às 6 e meia, passa a segunda e última linha de ônibus para a W3 Norte, a última para o Plano. Sempre daquela forma: ao chegarmos à parada já identificamos quem pega ônibus todos os dias e perguntamos: “Passou ou não passou?” O ônibus pode passar entre 6 e meia – às vezes ele passa um pouco antes – e 7, 7 e 15 – nunca dá para saber direito. Nós percebemos também que não é uma linha fixa, normalmente tem motorista e cobrador diferentes, que não entendem muito a rota. Às vezes, o ônibus acaba fazendo a linha via EPTG, quando era para ser semiexpresso – aí é o terror, chego às 9 horas no trabalho, levando bronca. Não há motorista fixo, são sempre linhas extras.

O ônibus passa ali, e fica aquela dúvida: se ele resolve passar lá pelas 7 horas, e você resolve esperar, mas ele não passa, aí você tem de 7 horas a 8 horas para chegar ao Plano. Vocês acham que dá tempo? (Risos.) Ficamos lá sem saber o que fazer. Esperamos por ele ou ficamos pensando se ele já não foi, se ele passou antes das 6 e meia? Ficamos naquela tensão o tempo todo sem saber se iremos ou não. Se não passa, o que temos que fazer? Ou andamos até o P Sul ou esperamos o circular, descemos no P Sul e pegamos o ônibus direto para a W3 lotado, lotado, lotado. Ou descemos até o metrô e o pegamos lotado, descemos na rodoviária, pegamos o terceiro ônibus, também lotado, descemos na parada e andamos mais uns 10 minutos. E aí chegamos ao trabalho e levamos bronca todos os dias.

O normal do trabalhador é acordar por volta das 5 horas e poucos minutos e estar às 8 horas no trabalho. Ele está há horas acordado, cansado e ainda leva bronca no trabalho. E aí, quando olhamos todo mundo no ônibus, já estão exaustos e mortos. Até pensamos assim: vou ler umas coisas, aproveitar o tempo, mas estamos tão cansados que, quando há oportunidade, sentamos e já estamos dormindo. Dormimos o caminho inteiro e acordamos na hora de descer. É mais ou menos assim!

Só para compartilhar um pouco a volta, essas mesmas linhas que voltam para o Pôr do Sol, só consegui pegá-las 2 vezes neste ano. Uma vez tive muita sorte de estar passando na W3. Tentei esperar outras vezes e me lasquei. Cheguei muito tarde em casa. (Risos.) A outra foi na rodoviária, teoricamente essa linha sai da rodoviária para o Pôr do Sol às 5 horas e 16 minutos. Uma vez, resolvi esperar o ônibus e fiquei lá até mais de 6 horas. Desisti, tive que ir de metrô, e foi um horror.

Então, são horários muito ruins, e, muitas vezes, os ônibus não passam. Nunca temos certeza disso! O aplicativo nunca nos mostra. Nós nos arriscamos a esperar, e já era! Achamos que vamos chegar cedo em casa e chegamos tarde.

Uma outra coisa para a qual eu queria chamar a atenção também, por exemplo, quando optamos por voltar de metrô, assim que descemos na estação Ceilândia Sul, para esperar o ônibus

do Pôr do Sol, sempre aparece lá: “Vai passar em 50 minutos”. Isso em horário de pico! Como é que, no horário de pico, às 6 horas da tarde, para pegar o micro-ônibus para casa, temos que esperar 50 minutos para irmos da Guariroba para o Pôr do Sol? Muitas pessoas optam por ir andando ou por pegar o ônibus do P Sul. Elas descem até um pedaço do caminho e andam novamente, mas sempre percebemos que as paradas ficam cheias. Então, quem tem um pouco mais de dificuldade de mobilidade, que está muito cansado ou mora muito mais embaixo no Pôr do Sol, fica esperando. Não há outra opção. Elas ficam lá esperando os 40 minutos para irem da Guariroba até o Pôr do Sol, que é um trecho supercurto. E o micro-ônibus sempre passa muito lotado. Um ônibus minúsculo para uma linha circular que demora para caramba.

Por isso que eu escrevi lá, pedindo um ônibus grande da linha 933.2, pelo amor de Deus, porque vamos todos esmagados. Já não basta irmos nas outras 2 linhas e ainda vamos esmagados no circular! Ainda há essa questão de o circular demorar cerca de 40 minutos a 50 minutos para um trecho muito curto.

Para finalizar, eu gostaria de pontuar algumas coisas em relação ao fim de semana. Anotei que o último horário que o circular passa no sábado, por exemplo, é às 18 horas. Como é que circulamos na cidade? Como fazemos para sair do Pôr do Sol e acessar outros lugares?

Outro dia, estávamos na cozinha solidária com os companheiros do MTST. Eu até consegui uma carona até a Guariroba, mas vão esperar o circular no sábado! Eu tive que ir andando para casa. Foi sofrido! Isso é só para dar alguns exemplos também. Há algumas semanas pensei: “Poxa, há algum tempo que não vou ao cinema. Vou sair do trabalho e ir ao Cine Brasília, porque lá há uma sessão gratuita”. Tranquilo, a sessão começou às 20 horas e terminou às 22h30min. Nesse horário, já é difícil passar ônibus, mas eu tive sorte, porque passou o ônibus 336 para o P Sul. Eu subi nesse ônibus, que me levou até um lugar onde não havia parada, na lateral do Pôr do Sol; fui para casa a pé, no escuro, porque, nessa hora, em uma segunda-feira, não há ônibus circular. Cheguei em casa após a meia-noite. Então, se você quiser ir a outros lugares, você ficará exposto a algum risco ou deixará de ir.

Quero pontuar também uma coisa que não pode acontecer. Eu, com 30 anos de idade, nunca fui ao Parque Nacional Água Mineral de Brasília. Isso não é muito diferente para outras pessoas. Quantas pessoas aqui nunca foram a um espaço histórico da cidade? Por exemplo, quando eu era criança, como os meus pais podiam sair com 2 crianças – eram apenas 2 filhos, imaginem em famílias maiores –, pagar a passagem e o lanche para passarmos o dia lá? Por isso, nós nunca fomos àquele parque. Hoje também eu não tenho acesso ao espaço, porque eu penso em como fazer para chegar até lá. Tem que pegar um circular, depois um metrô para a rodoviária e depois outro ônibus. Como esse local lota muito cedo, a que horas eu tenho que sair de casa em um fim de semana? Às 5 horas? Como fazer? Então, esses espaços foram negados para nós desde muito cedo. Na verdade, desde sempre.

Meu tempo está no final. Quero dizer o quanto é difícil, às vezes, chegar até o Sol Nascente, que está na mesma região; o quanto é difícil sair do P Sul para ir ao P Norte. Estamos na mesma cidade, mas não há como ir ao samba do P Norte no final de semana? Pelo amor de Deus! Enquanto isso, no Plano Piloto, é muito mais fácil. Quando vamos fazer uma atividade em São Sebastião, por exemplo, demora muito para chegar lá. Demora muito mesmo. E para ir ao Morro da Cruz, que também não tem ônibus circular interno, é um perrengue.

É muito cansativo fazer o básico todos os dias: pegar o ônibus e ir para o trabalho e ainda insistir muito para ter acesso aos espaços de lazer da cidade. É muito cansativo, nós estamos exaustos de ver que Brasília não foi feita para nós. Estamos muito cansados dessa lógica do transporte que determina e que inclusive perpetua a lógica da cidade dormitório. Nós saímos de casa para trabalhar – o ônibus sai de manhã e volta às 17, 18 horas –, voltamos para casa exaustos, dormimos e acabou. Toda essa lógica de organização da cidade reflete também para o que Brasília foi feita.

Para finalizar, quero resgatar a história de Ceilândia e lembrar o projeto chamado Campanha de Erradicação de Invasões, que tirava o povo de locais estratégicos para colocá-los o mais longe possível, para que as elites pudessem ficar perto do Plano Piloto e ocupar lugares como o Sudoeste, a Octogonal, o Lago Sul e o Lago Norte. O povo pobre foi colocado na Ceilândia, no Paranoá, no Itapoã e em Samambaia. Isso é justamente para dizer que esta cidade não foi feita para nós. Em pleno 2023, nós não podemos mais aceitar que esta cidade não seja nossa. Quando falamos de direito à cidade, estamos falando em acesso ao transporte, ao lazer e a ter uma vida para além do trabalho, para podermos viver em comunidade e aproveitar as coisas.

Por último – antes que o moço brigue comigo –, quero lembrar que está chegando a temporada de chuvas, e as coisas ficam muito mais complicadas. Quem cresceu e mora no Pôr do Sol e no Sol Nascente sabe como é ter que sair debaixo de tempestade. Quem já fez isso ou já viu alguém fazendo – eu já fiz muito – sabe que é preciso sair de chinelo e calçar o sapato no ônibus, para não ficar com o pé encharcado o dia inteiro, porque é chuva, chuva, chuva, enxurrada. Então, é calça molhada, roupa toda molhada e chegar ao trabalho já exausto. Também já amarrei muita sacola no pé, porque era muita lama no Pôr do Sol, antigamente. A Claudinha está rindo ali. Então, é amarrar uma sacola em cada pé, para proteger da lama, e, quando entrar no ônibus, jogá-la fora. Então, quando estamos falando de outras coisas... Nós estamos falando de saneamento, de captação de água da chuva, isso está interferindo diretamente no transporte. Teoricamente, não era para ter algo a ver, mas isso impacta diretamente no nosso acesso à cidade.

Quero encerrar dizendo que nós queremos mudar essa lógica. Acreditamos que a comissão nos ajudará muito nisso, pensando nesta perspectiva ampla de falar em mobilidade urbana, mas também de falar de acesso a todos os outros direitos. Agradeço e espero que, no próximo período, possamos abrir a palavra, para que vocês possam contar as perspectivas e o que precisa ser mudado.

O recado era esse, e continuamos na luta para podermos acessar mais espaços, a fim de termos um Distrito Federal mais justo para todo mundo e melhor para todos nós que estamos no perrengue de todo dia.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Larissa. Muito grato.

Eu quero reforçar, mais uma vez, a quem está presente e quer falar que é só levantar a mão. Quem não levantou ainda, a Olga está ali no cantinho, vai anotar os nomes, e já vamos chamar todos que se inscreveram para falar.

Concedo a palavra ao Eduardo Borges. Saúdo, desde já, todo o MTST pela construção aqui no Sol Nascente, pela luta da moradia, pela luta de acesso à alimentação, com a cozinha solidária. Está sendo feito um trabalho belíssimo com as crianças também, agora com uma horta comunitária. Eu tive o prazer de ir lá e vê-los plantando e colhendo. Como é bonito colher o que se planta, com orgulho. Saúdo o movimento de luta no território, que sei que é histórico. Você está com a palavra, meu caro.

EDUARDO BORGES – Eu queria cumprimentar o deputado Max Maciel e todos os integrantes da mesa, na sua pessoa.

Quero dizer que, quando se fala em mobilidade urbana, fala-se em dignidade humana. Os trabalhadores do Sol Nascente pedem socorro. Temos uma dificuldade muito grande, desde o início de Ceilândia, justamente com a discriminação. Os circulares que andam no Plano Piloto não são os mesmos circulares que andam dentro do Sol Nascente. Quem trabalha no Plano Piloto e mora no Sol Nascente é gente pobre, gente sofredora. É quem constrói a cidade e é excluído da cidade. E é quem tem e quem sofre com a falta de um transporte público de qualidade.

Entendemos que aqui não falta o braço do Estado. Se falarmos que, no Sol Nascente, falta o braço do Estado, estaremos faltando com a verdade, porque há o braço do Estado. Mas o Estado não

alcança o mesmo crescimento que tem a nossa cidade. A nossa cidade tem crescido muito rapidamente e, com esse crescimento, serviços básicos têm faltado, como creche, escola, saneamento básico e transporte público. Tudo isso faz parte da dignidade humana.

Fui muito contemplado pela companheira Larissa. Penso que o trabalho que está sendo desenvolvido agora, pela Comissão de Transporte, presidida pelo nosso deputado Max Maciel, vai trazer resultado. A nossa cobrança é para que os resultados sejam, no mínimo, iguais para quem mora no Plano Piloto. Não menos. A prioridade é para o povo pobre, é para quem se levanta mais cedo, para quem mora mais distante do trabalho.

Quem mora mais próximo do trabalho, quando usa o transporte público, desloca-se em um transporte público com mais qualidade. Ele não quebra. Quem sai do Sol Nascente às 6 horas da manhã, quando o ônibus passa no horário, ele quebra antes mesmo de chegar ao metrô. Aí, a pessoa tem que ir a pé até o metrô, pegar o metrô até a estação ParkShopping e pegar outro transporte para chegar ao trabalho. Ela já chega cansada.

Que dignidade é essa que nós buscamos? O transporte público é tão importante quanto um serviço de saúde pública eficiente. Dele também dependem a sanidade, a saúde e o descanso do trabalhador e da trabalhadora.

Eu queria deixar aqui essa contribuição e dizer que é extremamente importante que a prioridade... Virão frotas novas aí, deputado Max Maciel. Como é que elas vão ser trocadas? Vão trocar as do Plano Piloto, e os ônibus do Sol Nascente vão continuar quebrando? Vão continuar sendo os de pior qualidade, passando em horários diferentes, quebrando, fazendo com que o trabalhador esteja nessa dificuldade? Essa é a pergunta.

Nós queremos, sim, acompanhar tudo isso. Acreditamos muito no seu trabalho. Acreditamos que vamos conseguir não só com o transporte público, mas também com todos os serviços públicos necessários para fazer do Sol Nascente uma cidade melhor. No que o Movimento dos Trabalhadores sem Teto puder contribuir com esse debate, como sociedade civil organizada, nós estaremos juntos nessa luta.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Eduardo. Muito bem colocado. Isso é fundamental.

Eu estava falando com o Dr. Dênio exatamente isto: quando uma cidade é planejada, são menores o custo e o desgaste, tanto no processo urbanístico, no de ocupação, no de planejamento, quanto no processo de acesso à cidade, da qualidade dessa cidade.

Quero registrar a presença do representante do gabinete do deputado Fábio Félix, que compõe também a Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana, como eu disse anteriormente, juntamente com o deputado Martins Machado, o deputado Pepa e o deputado Gabriel Magno.

Quero dizer a vocês que a comissão visitou todas as empresas e está fazendo a segunda rodada de visitas às empresas. Nós visitamos o metrô e o BRB Mobilidade. Fomos à Secretaria de Mobilidade Urbana várias vezes, para despacharmos algumas ações. Estivemos várias vezes nos territórios mais sensíveis.

Registro a presença do representante da São José. Está faltando o da Marechal. Eles têm que estar aqui mesmo para ouvir a comunidade. Ninguém tolera um ônibus que quebra, se pagamos um custo, como nós mostramos, tão caro, Eduardo. Isso não é um favor. O transporte público não é um favor, ele não é uma cota. "Ah, estou fazendo um favor para vocês." Não! Ele é um direito constitucional. E há remuneração e participação do Estado.

O que nós estamos exigindo é qualidade na entrega do serviço. Quando reclamamos às empresas que elas demoraram anos para renovar a frota, é porque nós interpretamos isso como um descaso. Prorrogar a concessão sem a renovação da frota é mais absurdo ainda, porque é a garantia de que se pode continuar sucateando com o contrato garantido. Enquanto nós não formos,

coletivamente, para cima da qualidade desse serviço, nós vamos ficar reféns do serviço que é prestado, do ponto de vista prático, no dia a dia.

Reclamação não falta, gente. A secretaria recebeu este ano, até agora, 4 mil reclamações por erros no horário. Este computador tem acesso à internet, Adriana? (Pausa.) Entre por favor no *site* DF no Ponto. Nós mapeamos o DF no Ponto. A São José, por exemplo, senhor Messias, está com o GPS desligado – o senhor podia trazer para nós o motivo disso.

Por que nós não temos um aplicativo do Estado com o qual as pessoas consigam se organizar, Larissa, para sair de casa e saber que o ônibus vai passar? Gente, nós temos tanta tecnologia! Nós fazemos isso com o uber. Eu sei quando ele vai chegar à minha porta. Eu fico ali, tomo uma água, tomo um café; eu sei que ele vai passar daqui a 5 minutos, 4 minutos. E nós não conseguimos implementar isso em um transporte que é acessado por milhares de pessoas diariamente?

Isso geraria menos exposição à parada de ônibus, onde há a violência que estamos acompanhando aqui no setor. Mulheres são assaltadas, furtadas, porque ficam expostas na parada. Você não sabe se o ônibus passou, se ele vai passar ou se ele nem vai passar mais, porque ele sumiu.

Eu vou passar a palavra agora para a comunidade. Olga, por favor, me passe a lista de inscrições. Quero dizer que o nosso papel aqui, como fiscalizadores, é feito com muita responsabilidade. Nós não estamos cobrando nada de mais. Qualidade do serviço não é nada de mais. Ônibus limpo não é nada de mais – nós não tínhamos que reclamar de que o ônibus não está limpo, isso é o básico. Ônibus lotado não pode ser argumento.

(Apresentação de *site* simultânea à fala do orador.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Não sei se há condições de apresentar só os dados da São José no *site*, para aproveitarmos que o representante da empresa está aqui. Gente, este é o *site*. Todos os que estão nos acompanhando podem ter acesso a este *site*. Não é o Moovit, é um *site* chamado DF no Ponto, no qual as empresas compartilham com o seus CCOs o GPS – em tese, em tempo real. Então, se escolhermos a São José, podemos dar um *zoom* no Sol Nascente.

Quando vocês entram no aplicativo, vocês conseguem visualizar quantos ônibus há, vocês podem escrever a linha do seu ônibus e saber se ele está saindo, ou não. Pelo contrato do transporte público, isso tinha que estar na parada de ônibus – não dessa forma, em um *site*, mas em um letreiro, como há no metrô. Você chegaria à parada, e haveria uma plaquinha eletrônica informando “Próximo ônibus – linha tal” e quantos minutos faltariam para ele chegar. Em BH há isso. Está no contrato a instalação do DF no Ponto nas paradas, mas a parada sequer tem um pirulito, sequer tem um informativo de quais ônibus passam ali. Sequer há parada, não é, Débora? Às vezes, é só um poste com o símbolo de um ônibus.

Nós estamos acompanhando, doutor Dênio e doutor Alexandre, a nova obra do *boulevard* em Taguatinga. Isso não tem a ver com o tema desta audiência, mas tem a ver com os usuários desta cidade, que chegam à nova obra *boulevard* de Taguatinga e não encontram nenhuma explicação de para que lado devem ir para pegar o ônibus x. A pessoa fica tentando adivinhar: ele vai passar no corredor, ou vai passar na marginal? Às vezes, a pessoa está no corredor do *boulevard*, o ônibus vem na marginal, e ela sai correndo, correndo o risco de ser atropelada para pegar o ônibus. Falam assim para nós: “Deputado, nós vamos instalar”. Mas, se já se inaugurou a obra, presume-se que isso já deveria estar lá. Quando você me diz que vai ser feita a instalação é porque ela sequer passou na sua cabeça. Então, gente, às vezes, ficamos agoniados como vocês, porque há problemas simples, mas que reverberam uma série de situações dramáticas no dia a dia.

Portanto, está aí o DF no Ponto. Há um pouco do mapeamento que vocês podem acompanhar e cobrar, também, das empresas. Lembro aos que estão aqui, na comissão, que temos a cartilha para vocês serem fiscais.

Vou passar a palavra às pessoas que queiram falar. O cerimonial vai chamá-las na ordem. Como são muitas pessoas, peço-lhes que sejam breves. Queremos ouvi-las.

Registro a presença do deputado Pastor Daniel de Castro e o saúdo. O pastor morou no P Sul. Passou e passa perrengue em Vicente Pires. V.Exa. quer falar, deputado Pastor Daniel de Castro? Regimentalmente, o deputado tem direito ao uso da palavra.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Concedo a palavra ao deputado Pastor Daniel de Castro.

Eu estou gostando desse negócio de estarem com boné. Eu não tenho nada a ver com isso aqui, mas eu gosto de ver todo mundo com boné.

Deputado Pastor Daniel de Castro, obrigado por estar presente nesta audiência pública sobre mobilidade urbana. Está com a palavra V.Exa.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Obrigado, meu querido presidente, deputado Max Maciel.

Na verdade, passo aqui para honrar este menino. Graças a Deus, mesmo a minha origem sendo aqui, na Ceilândia, posso dizer, Cláudio, que a cidade tem um representante. Vocês não sabem o valor que tem a presença do deputado Max Maciel na Câmara Legislativa. É engraçado, porque somos de espectros políticos diferenciados – eu, de direita; ele, de esquerda –, mas há o respeito absoluto. O bom do deputado Max Maciel – eu lhe falo – é que ele nos inspira e nos ensina. Eu gosto quando a cidade tem alguém apaixonado por ela. Eu sou apaixonado por Ceilândia também, porque eu me criei aqui. Saúdo toda a liderança da Ceilândia presente e a mesa.

Eu só vim aqui para falar como é bom ter V.Exa. como um parceiro de Câmara Legislativa. Na verdade, o deputado é um campeão, porque teve voto em tudo quanto é lugar. Mas Ceilândia é a terra que ele domina e em que ele está presente. Podemos ver o carinho que ele tem por Ceilândia quando ele fala dela na Câmara Legislativa. Nesta audiência pública em que ele fala sobre mobilidade, ele é o nosso professor.

Estou vindo da 26 de Setembro, e, lá, ganhamos um presente: 2 linhas de ônibus.

Quando se fala em mobilidade, o deputado Max Maciel é uma pessoa que nos inspira. Parabéns, deputado Max Maciel. Nesta cidade eu estou com V.Exa.: onde V.Exa. falar que é para colocar recursos, eu porei; onde V.Exa. falar que é para assinar, eu assinarei. Na verdade, estamos com V.Exa.! O que pedir aqui faremos.

Que Ceilândia continue depositando toda a confiança neste menino, viu? Ele tem sua ideologia, mas é uma pessoa extremamente correta e mais: é um dos deputados mais bem preparados desta legislatura. O deputado Max Maciel é um estudioso, é um professor. Quando ele fala, ficamos sentados de boca aberta ouvindo-o, porque ele nos inspira.

Parabéns, irmão! Que bom ter você como amigo e como companheiro de mandato desta legislatura. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado.

Vou aproveitar, deputado, para entregar a V.Exa. o estudo que fizemos sobre as linhas do Pôr do Sol e do Sol Nascente, para que V.Exa. o acompanhe e lute conosco pela melhoria do transporte público.

Mais uma vez, obrigado pela presença. Quero saudá-lo. É recíproca a nossa luta, porque o parlamento precisa estar presente, ouvindo a comunidade. Muito obrigado.

Passo a palavra ao cerimonial para convidar a comunidade a participar conosco.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Passamos a palavra ao senhor Vando, da Associação Tamo Junto. Já pedimos, por gentileza, que se posicione a próxima a falar, a Claudinha, do Pôr do Sol.

VANDO – Boa tarde a todos. Boa tarde, deputado Max Maciel, administrador Cláudio Ferreira, nossas lideranças, João, Ivonete e Claudinha – são pessoas que estão sempre conosco na briga por melhoria na nossa cidade – e demais presentes do Sol Nascente. Nós também somos uma liderança. Estamos aqui há muitos anos, e não havia nenhum ônibus para rodar aqui – ônibus nenhum.

Eu sou filho de pioneiro, criador do Sol Nascente. Se hoje existe o Condomínio Pinheiros, se ele leva o nome Pinheiros, isso foi devido à terra ser dos meus pais. Foi o meu pai que plantou os 2 pinheiros. Assim, surgiu o nome Pinheiros. Estou aqui desde garoto, desde 1976. Cheguei a Ceilândia em 1970, com 7 anos de idade. Sei da luta dessa cidade, sei de sua precisão. Sei quem trabalhou e batalhou para conseguir alguma coisa e sei também quem se aproveitou da situação.

Mas o que está em discussão no âmbito desta reunião agora é o transporte público. Eu venho aqui representar a comunidade dos Condomínios Embaré, Brasil, Pinheiros e Vitória, devido ao transporte ruim, péssimo, oferecido à nossa comunidade. Vou explicar o porquê. Hoje, eu não utilizo o transporte público, porque, graças a Deus, trabalhei para conseguir pelo menos uma bicicleta para andar, e há muitos aqui que não têm condição de ter uma bicicleta. Então, eu vim representar uma comunidade para falar, bem rápido – e os demais companheiros vão falar também –, sobre essa demanda.

Eu peço a atenção especial do senhor Manoel Messias, representante da empresa São José, que o nosso deputado Max Maciel convidou para esta pauta, quanto à reclamação sobre o transporte no nosso Trecho II, e vamos falar também um pouco do Trecho III.

O transporte do Trecho II hoje está um caos, Manoel Messias, representante da empresa São José. Nós estivemos com o secretário José Humberto e rodamos pelas obras do Sol Nascente. O governador falou, ao vivo, para todos nós, com o engenheiro da empresa que, no dia 1º de dezembro – o nosso administrador Cláudio e eu estávamos juntos, e ele pode confirmar isso aqui –, estaremos com o terminal funcionando. Porém, não adianta haver um terminal funcionando só para dizer que há um terminal, e não haver uma boa empresa, uma boa gestão de transporte. Vou citar o porquê.

O Manoel Messias é um funcionário de uma empresa e tem que seguir normas, assim como cada um de nós. Eu vou dar um exemplo, deputado: se o senhor pegar um ônibus hoje na comunidade de Pinheiros... Há um terminal de ônibus provisório no final de Pinheiros. Os motoristas ficam no sol, na chuva. Eles estão lá. Os próprios motoristas da São José ficam debaixo de uma tenda horrorosa. Eu já estive lá com a comissão. É ridículo. Mas, se você tem um compromisso de trabalho com uma empresa, você pega um ônibus às 6 horas da manhã para estar às 7 horas no emprego em Taguatinga. Eu tomo ônibus nas linhas 159, 364.2. Eu pego essa linha no terminal. Meu tempo esgotou, mas vou falar rápido sobre o terminal. Você toma no terminal do Pinheiros e, quando você chega em frente ao Ultrabox, o ônibus quebra, deputado. Vem outro e quebra de novo. Eu fiz um vídeo de 3 ônibus da São José quebrados. É isso.

Vou falar minhas últimas palavras, porque há outros que vão falar, sobre a linha, deputado, de que você estava falando. Nós temos a linha 0.907, para a Rodoviária Plano Piloto, via Estrutural. É um minhocão. Às 5 e 45, sai do terminal. Você vai para a Rodoviária do Plano Piloto. Só há essa. Se você chegar à Rodoviária do Plano Piloto, morreu. Você só volta com outro tipo de transporte. Eu não sei se volta. Não há outro. Não existe isso.

Obrigado. Os demais companheiros vão falar mais, porque o meu tempo já esgotou. Obrigado pela participação.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Vando.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Passamos a palavra agora à Claudinha do Pôr do Sol. Em seguida, será o João Marques, líder comunitário do trecho 1 do Sol Nascente.

CLAUDINHA – Boa tarde a todos. A comunidade sabe quais são as reivindicações – eu gosto de falar olhando para o rosto de todo mundo, porque ficar com o pescoço torto é complicado.

No Pôr do Sol hoje, deputado, eu ouvi você falando que havia 9 linhas. Não. No Pôr do Sol, só existem 4 linhas: a 363.2 – no dia 5 de junho, começou também a fazer a via P3 –; a 933.2, que foi a nossa primeira linha. É algo muito complicado. Sabe por quê? Porque, às 7 horas da manhã, começa a descer. Desce um atrás do outro, mesmo você olhando pelo aplicativo; mas só desce quando é para pegar passageiro. Quando é para deixar, quando muitos querem ir ao P Sul, eles não vão. No meio do caminho, eles voltam.

Deveria haver aqui um representante da Marechal, porque a São José todo mundo já sabe que vive quebrada por aí. Não temos São José lá, graças a Deus. Infelizmente, na Marechal, a linha 933.2, quando sai do terminal, faz o Pôr do Sol só quando está indo para Ceilândia. Quando está chegando, deputado, no meio do caminho, eles vão embora. Eles não querem saber quem está lá esperando para ir ao P Sul fazer compras. Nosso comércio total é dentro do Pôr do Sol.

Temos a linha W3 Sul e W3 Norte, que saiu agora dia 5 de junho; e temos linha Rodoviária do Plano Piloto. No início, foi uma bagunça. No início, era a EPTG. Depois colocaram Estrutural. Eu conversei com o subsecretário Márcio, na época, e voltou a ser EPTG. Mas eu não sei o que acontece. Eu não culpo os motoristas. Eu culpo a responsabilidade das empresas que não fiscalizam seus motoristas. Hoje eu não dependo de ônibus, mas, quando eu escuto reclamação, eu ando de ônibus. Nesses dias mesmo, eu fui esperar o W3 Sul/W3Norte, que era para passar às 6 e 45. No aplicativo, era para descer até o terminal do P Sul e no final do P4. Ele chegou, mas, de lá, ele já subiu. Ele não chega até ao Pôr do Sol.

Então, hoje, o nosso maior pedido é um ponto até Taguatinga Centro e a ampliação dos horários. Hoje contamos com 2 horários: Rodoviária, W3 Sul e W3 Norte para ir e no final, quando aparece ônibus, são 2 horários de lá. Muitas vezes estou chegando 7 e meia, 8 horas, e o ônibus vem naquele horário que está chegando. Sendo que o horário é 5 e 17 e 6 e 15. Temos visto toda essa situação.

Então eu quero cobrar das empresas! Acho que as empresas também precisam ser cobradas para ter respeito com os moradores e com os usuários. Sabem por quê? Porque quando estou no Plano Piloto e vou pegar ônibus na W3 Sul, L2 Sul, L2 Norte, passa ônibus de 5 em 5 minutos com 2 passageiros dentro. São 2, 3 passageiros e é de 5 em 5 minutos.

Viajo muito, já andei muito. Eu acho que deveria haver a determinação de ter mais ônibus, e que os ônibus fossem obrigados a parar. Tenho vizinhos que já sofreram com freadas bruscas, vizinho que precisou operar de coluna por causa dessas freadas bruscas.

Então a irresponsabilidade está na empresa. Se a empresa exigisse mais dos funcionários, nós usuários não sofreríamos tanto. Então fica aqui a minha reclamação quanto a essa situação com a Marechal.

Detalhe. O que acontece que é o pior? Na Chácara 76, é barro puro. Então, o que o passageiro faz? Quando ele vê o ônibus descendo, vai para detrás da parada. O motorista vê a pessoa indo para detrás da parada, mas não vê o passageiro na parada, então, ele vai embora.

Eu já segui um ônibus até lá. O motorista simplesmente falou na minha cara que não havia passageiro na parada. Eu disse: como não havia se eu estou vindo atrás de você? Não é de graça. Mas tendo ou não tendo, acho que é obrigação e dever parar, até porque ele ganha para isso.

Então precisa de fiscalização na empresa. Eu descii na Marechal para reclamar, saíram dois caras de lá. "Ligue!". Rapaz, do Pôr do Sol aqui só sou eu. (Risos.) Então que liguem. E que alguém escute pelo menos as reclamações, ou que acompanhe as reclamações do usuário. Aqui ninguém está pedindo nada de graça. Já que estamos pagando, tem que haver um pouco de qualidade e, principalmente, respeito ao usuário. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Claudinha.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Concedo a palavra ao senhor João Marques, líder comunitário do trecho 1 do Sol Nascente.

Em seguida, falará a senhora Vilma Milhomem.

JOÃO MARQUES – Boa tarde a todos. Quero cumprimentar a mesa. Parabéns, deputado Max Maciel, pela iniciativa de debater o transporte público.

Como a moça do cerimonial disse, eu sou do trecho 1 do Sol Nascente. No trecho 1, temos 3 linhas de ônibus. A 933.5 começa às 5 horas da manhã. Para ir, até que é mais ou menos. Os horários até que são razoáveis. Para voltar, é complicado. Quando voltamos, do Metrô para baixo, acho que ficamos mais de 1 hora esperando o ônibus. Quando ele vem, ficamos felizes porque o ônibus apareceu. Aí vem um micro-ônibus em que não cabe ninguém. Já vem lotado e não cabe mais ninguém. Temos que esperar o próximo ônibus, que só vai aparecer depois de 1 hora.

A planilha que as empresas fazem é só de fachada, porque, geralmente, ela não funciona. Ela não funciona! Você pode botar no aplicativo que ela não funciona. Todo mundo aqui é testemunha disso. Ela, realmente, não funciona!

Nós temos a 364.2, que não cumpre rigorosamente os horários. É aquele ônibus que some. É aquele ônibus, como o senhor falou, que vai de manhã e, de repente, ele some e aparece só na parte da tarde. Parece que a pessoa só anda para lá e depois não volta. Se voltar, tem que esperar o ônibus de tardezinha para voltar para casa.

A linha 932.2 é do P Sul para a W3 Sul, Rodoviária. Esse também é um que some. Parece que eles o chamam de direto: ele vai direto para lá – e lá ele fica – e volta direto para cá, à tarde. Some durante o dia. Ou seja, durante o dia, não podemos nem ir nem vir.

Essas são as linhas em que há dificuldade. São as linhas que atendem o trecho 1 do Sol Nascente.

Eu gostaria que a empresa pudesse dar alguma informação, por meio de um aplicativo, para evitar de ficarmos lá na parada por 1 hora, esperando o ônibus passar, à mercê da bandidagem.

Obrigado a vocês. (Palmas.)

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Passamos a palavra à senhora Vilma Milhomem.

Em seguida, falará a senhora Débora Sabino.

VILMA MILHOMEM – Boa tarde a todos e a todas.

Na pessoa do pastor Cláudio, nosso administrador, cumprimento toda a mesa.

Moro no trecho 2, aqui pertinho, mais acima um pouquinho. Moro aqui há 23 anos. Quando eu vim para cá, não havia ônibus. Íamos subindo até o P Norte e pegávamos o ônibus. Agora, existe a opção de pegar o ônibus bem próximo à minha casa. Melhorou muito, mas – vou ser até um pouco grosseira –, como estamos pagando, merecemos uma coisa melhor.

Vou me dirigir ao senhor Manoel Messias, em particular. Senhor Manoel, falo como moradora e falo em nome de muitas mães. Sou mãe solteira. Agora, não, pois trabalho perto de casa, mas até bem pouco tempo eu pegava ônibus muito cedo. Essa linha nova, a 907, é boa. Nós não tínhamos nada. Agora, nós temos a 907. Só que precisamos de uma linha mais cedo. Por quê? Porque o porteiro do Plano é daqui, o vigilante é daqui, as diaristas são daqui. Nós temos que pegar no trabalho, lá no Plano, às 7 horas, porque a patroa sai de casa, às 7 horas, e entrega para nós o trabalho. De ônibus, não chegamos ao Plano. Nós temos que sair daqui bem cedo, pegar o primeiro metrô, que já vem lotado, e, às vezes, ainda chegamos atrasados ao trabalho. Chegamos cansados, levando bronca.

Na volta – nós temos que voltar –, não existe ônibus direto. Nós pegamos ônibus superlotados, temos que pegar a criança na escola, voltar para casa, limpar a casa, fazer a janta e lavar roupa.

Nós precisamos de um transporte que seja viável para nós, mulheres. É ou não é, mulherada? Nós somos pai e mãe. Nós precisamos da empresa, que pagamos com suor, porque o

nosso salário é pouco.

Aqui, o vigilante, o porteiro, tem que comprar uma motinha no primeiro salário, senão ele não segura o emprego dele, já que a empresa de ônibus não tem compromisso conosco.

Era para o ônibus sair daqui às 5 horas e 45 – eu, graças a Deus, hoje, trabalho perto de casa –, mas ele passa, o 907 – já fiquei vigiando –, às 6 horas e 20, 6 horas e meia, às 6 horas e 40. E nós precisamos ir e voltar.

Uma outra coisa: nós que moramos no Sol Nascente, além de não termos direito a lazer, também não temos direito a receber um parente aqui. Por quê? Porque ou eu tenho dinheiro para pagar Uber ou, quando chega o meu parente aqui, eu não posso levá-lo para conhecer um monumento do Plano Piloto. Eu sou obrigada a levar meu parente ao BRB e já comprar o cartão, porque eu tenho que pagar passagem daqui para Taguatinga ou daqui para o centro de Ceilândia e pagar outra passagem para ir para o Plano, não é verdade? Então, para quem mora no Sol Nascente, é um absurdo sair para passear.

Outra coisa: nós precisamos de linha para a W3 Norte, porque nós não temos, e para a W3 Sul, porque nós não temos. Quem não tem um parente... Aqui no Sol Nascente, ninguém conhece o Lago. Não conhece, só pela televisão. Para nós conhecermos a Esplanada, só pela televisão, ou nós vamos até a rodoviária e vamos andando até a Esplanada, ou nós pagamos mais uma passagem da rodoviária para lá.

Aqui nós temos muitos trabalhadores que trabalham na Esplanada. Muitos deles pegam o 907, descem lá e, às vezes, vão andando. Por que nós não temos um ônibus que vá para a Esplanada?

Outra coisa, Manoel, se o senhor pegar esses ônibus aqui... Eu vou passar uma reclamação para o senhor. Eu fiquei muito magoada. Eu vim morta de cansada do trabalho, cheguei ali ao Tatico velho e desci do metrô. Eu esperei lá mais de meia hora. Eu não conseguia entrar em todos que passavam. Quando eu entrei, eu falei para o motorista: "Moço, dá para vocês pedirem para o pessoal entrar, abarrotar mais para ver se nós conseguimos entrar para fazer janta?" Ele falou o seguinte: "Senhora, não estou preocupado com isso, porque a São José também não se preocupa, porque vem esse e, se não der para levar, vem outro. Se der para a senhora chegar às 10 horas da noite, ela vai ganhar do mesmo jeito."

Então, nós ainda somos massacrados pelo funcionário da empresa, que não contribui em nada para termos um pouquinho de dignidade nas nossas viagens. Nós precisamos de ônibus que vá para o Plano, porque o senhor sabe que nós temos uma demanda enorme aqui. Precisamos aumentar a frota do coletivo, aumentar a frota do 159 e, se possível, criar uma linha que dê menos voltas para ir para Taguatinga, porque o 159 é o que vai mais vezes.

Colocou-se agora o que vai para o Areal, o 332. Ele vai aqui pela Via Estádio. Só que ele vai até o centro de Ceilândia. Por que não há um ônibus que saia daqui e pegue aqui a Via Estádio, mais rápida? Porque há como pegar. Por exemplo, para quem vem lá do terminal do Setor O, há o 33.6. Muita gente sobe aqui andando durante 30 minutos para pegá-lo aqui em cima – o senhor sabe que ele passa aqui em cima –, porque ele vai direto para Águas Claras. Então, as pessoas daqui que trabalham em Águas Claras, que são muitas, que são as domésticas, as diaristas e os porteiros, sobem aqui, deputado, andando às 5 horas e meia da manhã para pegarem o 33.6, que passa ali às 6 horas, não é, Manoel? Ele vai abarrotado para Águas Claras. Muita gente fica na parada aqui em cima porque não consegue entrar. Muitos pegam o circularzinho, outros vêm de bicicleta até aqui e voltam. As motinhas não param e deixam o pessoal na parada às 5 e meia da manhã.

Não tenho nada contra os trabalhadores das motinhas, mas elas são irregulares. Também há carros irregulares. Por quê? Porque aqui há demanda. Não aguentamos mais perder horários e empregos porque temos filhos para criar. A mágoa é tão grande, deputado, que não queremos parar de falar.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Vilma.

Esta audiência está sendo gravada e a nossa equipe está anotando tudo. Nossa equipe vai rever. Vamos continuar anotando os encaminhamentos e ajudando na melhoria das demandas.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Concedo a palavra à senhora Débora Sabino, do P Sul.

Em seguida, falará a senhora Sirleide Araújo dos Santos, que já pode se posicionar.

DÉBORA SABINO – Boa tarde. Obrigada pelo convite. Vou tentar ser sucinta.

Primeiro, os aparelhos de ar-condicionado são muito sujos. Quando eu pego o ônibus na CLDF, para chegar ao P Sul, chego lá com febre. Já aconteceu isso duas vezes. Não é piada. Os aparelhos de ar-condicionado são muito sujos. Não adianta ter aparelho de ar-condicionado se ele é sujo. Isso é horrível para a saúde, principalmente para a saúde das crianças que vêm do Plano Piloto com as mães que trabalham o dia todo.

O Corujão não funciona. O Corujão sai da Rodoviária para o P Sul? Não. O Corujão sai da Rodoviária para a rodoviária de Taguatinga. O Corujão só sai da rodoviária de Taguatinga se quiser. A minha outra filha trabalha à noite e já ficou, por mais de 2 horas, de madrugada, sozinha, na rodoviária de Taguatinga, esperando a boa vontade do motorista para sair. Quando ele sai, não quer fazer a linha toda, passando pelo P 2, P 3 e P 4. Ele quer ir direto para o terminal. Ela já teve que ir do terminal para o começo do P 2. Eu nem vou comentar o que acho disso.

Como um ônibus sai do terminal do P Sul e, dentro do P Sul, o elevador não funciona para os deficientes? Não tem lógica isso. Não sei nem o que dizer sobre isso. É desumano? É vergonhoso? É vexatório? Não sei o que é. Ou é assim porque se trata do P Sul? Vou fazer turismo pelo Plano para ver como são os ônibus de lá.

É importante que os motoristas entendam que têm que usar o recuo para pegar o pessoal nas paradas. O idoso não pode sair do recuo para procurar o ônibus no meio da rua. Isso não tem lógica.

Aconteceu um fato inusitado. Eu o filmei e chamei a polícia. Peguei um ônibus que parou em frente ao atacadão. Simplesmente, o cobrador me barrou quando eu queria descer do ônibus. Ele disse: "A empresa não permite que você desça do ônibus". Eu falei: "moço, eu vou descer. Eu pago outra passagem". Ele continuou: "Não, você não pode descer". Foi preciso que uns 2 homens se levantassem e que eu ligasse para a polícia. Ele não pode me privar de entrar, de ir e vir. Disse: "É ordem da empresa".

Tem lógica isso, deputado? Eu filmei, mandei para o Marcelo, mandei para a Sara, liguei para a polícia. São umas coisas, gente, que não existem. "Ah, é periferia!" É, mas eu estou na capital federal. Eu estou na capital federal, eu sou gente, eu pago a passagem, eu preciso do transporte, e o transporte ganha por eu andar nele. Qual é?

Outra coisa: Por que é que, quando dão 4 horas e 40 minutos e estamos no centro de Ceilândia para vir para o Pôr do Sol, para o Sol Nascente, para o P Sul, temos que pagar R\$5,50? Não passa ônibus! Só começa a passar ônibus depois de 6 horas da tarde. Não passa ônibus! Só passa ônibus de R\$5,50. Ônibus de R\$2,70 já é uma raridade, de R\$3,80 você também não pega à tarde, você só pega os que vêm do Plano.

O meu destino agora não é reclamar mais, meu destino agora vai ser filmar essas coisas e colocá-las em todas as redes sociais. E não será só nos grupos de WhatsApp, "Demandas da Ceilândia" e não sei o quê, não. Será nas redes sociais, mesmo, pesado, porque não tem lógica uma empresa de ônibus...

Eu fico muito sentida de você estar sentado nesse lugar. As outras empresas tinham que estar aqui, porque é uma paulada, e não é você que tinha que levar essa paulada.

Eu acho que as pessoas têm que ter responsabilidade. A responsabilidade é minha de manter o ônibus limpo, de não jogar lixo, de não pregar chiclete, de respeitar o motorista, o cobrador, de levar o dinheiro da passagem o mais trocado possível. Mas espere lá! O ônibus não passa; o cobrador me impede de descer de um ônibus porque está estragado; o elevador não sobe e eu tenho que ajudar uma senhora com a criança dela a subir com a cadeira de rodas; o outro motorista não tem paciência para esperar o idoso descer porque ele é devagar. O que é isso, gente? Vão fazer um curso de relações humanas e um curso de mais um monte de coisas.

Só quem arrebenta mesmo as costas é quem pega o transporte. Ninguém mais.

A Claudinha fez uma corre louco para que o ônibus passasse lá no Pôr do Sol.

Vocês tinham que pegar transporte público. O pessoal da empresa tem que pegar transporte público para ver qual é a realidade.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Para concluir, Débora.

DÉBORA SABINO – Concluindo.

Este é um apontamento que uma pessoa me pediu para fazer, porque ela não consegue se inscrever mais para falar. Prestem atenção! Sol Nascente. Hoje, no Sol Nascente, no trecho 2, as linhas 159 e 364.3 passam em sequência, são 3 ônibus de uma só vez. Depois disso, só após 30, 40 minutos é que passa outro. Nos finais de semana, apenas o 159 passa, e os ônibus circulares não passam; o 364.3 neças. O ônibus da linha 907 passa apenas em 1 horário, sendo que deveríamos ter a disponibilidade de mais horários. É isso.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Débora.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Concedo a palavra à senhora Sirleide Araújo dos Santos, coordenadora estadual do MTST. Em seguida, ao senhor Fabrício Santos.

Lembramos que o tempo regimental das falas é de 3 minutos.

SIRLEIDE ARAÚJO DOS SANTOS – Olá, boa tarde a todos. Sinto-me muito contemplada por todos que falaram.

Eu queria só reforçar que o ônibus 159 não desce até o Gilliard. Antes de chegar ao terminal, ele volta. Quem pega esse ônibus não pode ir até lá embaixo. Eu queria que aumentasse a quantidade de ônibus dessa linha, porque ela não vai ao Gilliard. Quero falar que é uma vergonha aquele terminal. Quando vejo aquele poste em que os ônibus têm que recuar, é uma vergonha. Então, espero que retomem as obras e que alguém as fiscalize, por favor.

É isso. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Sirleide.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Neste momento, concedo a palavra ao senhor Fabrício Santos, presidente da cooperativa Rodagem.

Em seguida, pode se preparar a senhora Valdineia da Conceição Rodrigues.

FABRÍCIO SANTOS – Boa tarde, deputado Max Maciel e todos os representantes da Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana.

Eu gostaria de saber se vocês têm conhecimento do edital de licitação lançado pelo GDF, em 2019, justamente para as linhas Sol Nascente e Morro da Cruz.

Vocês sabem quantos veículos seriam para Morro da Cruz, São Sebastião, Lago Sul, IV Comar? Seriam 10 a mais. Para o Setor Habitacional Pôr do Sol e Águas Claras seriam 6 veículos a mais. Trecho 1, Sol Nascente/Águas Claras, 10 veículos a mais. Trecho 2, Águas Claras, 10 veículos a mais. Trecho 3, Águas Claras, 11 veículos a mais. Percurso, trajeto, viagem, todos estão aqui. Infelizmente, isso foi suspenso na pandemia e até então não voltou mais. Há esse problema.

Outro problema pelo qual criticam muito as empresas: demanda. Eram 3 mil e poucos ônibus, passou para mil e poucos ônibus. Saíram todos os micro-ônibus, exceto a Coobrataet, no Paranoá: 300 micro-ônibus a menos. As empresas a subsidiaram. O GDF não libera as empresas a colocarem mais carro porque elas têm que pagar por isso. As empresas pedem e o GDF não libera. Ele não faz a licitação, a demanda é alta e não se renova a frota. O que é o caos? Superlotação.

Eu queria saber qual é o projeto para essa licitação, principalmente para o transporte complementar. Quem rodou de lotação e micro-ônibus lembra que ajudávamos bastante. Havia muita irregularidade? Havia pelo fato de haver propina. Errávamos, pagávamos o fiscal e éramos liberados. O sistema acabou conosco, não fomos nós que acabamos com o sistema. Nós queríamos saber dessa licitação para a qual o GDF até hoje não fez mais pauta nenhuma. Ele encerrou justamente em lugares que precisamos.

O deputado Pastor Daniel de Castro ainda está aqui?

Na Colônia Agrícola 26 de Setembro, em Taguatinga e na Comercial Samdu, seriam 6 permissões a mais, 6 carros para a população também. São vários locais: Paranoá Parque, Morro da Cruz, Jardim Ingá, São Gabriel. Há uma linha que passa aqui na porta. Ela foi a primeira linha do Pinheiros, mas foi suspensa; a do Rio Descoberto e a do Taguacenter, a Cootransp faliu. Não há mais nenhuma empresa que opera nessa linha. A licitação está aqui, foi suspensa pela pandemia. E, até então, a população está sem ônibus. A pandemia acabou. Onde estão os ônibus? Onde está a licitação? Essa é uma pergunta que eu faço. Queremos voltar, sim! (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Fabrício. Se puder, deixe esse material conosco, por favor, para podermos nos debruçar mais sobre isso. Nós estamos acompanhando as permissionárias do setor rural também.

Todo mundo aqui sabe que o transporte alternativo, com todos os seus equívocos, fez parte da vida da maioria da população do Distrito Federal, mas precisamos de regulação e de cuidado. Depois, encaminharemos para vocês as propostas que já apresentamos e temos apresentado para a secretaria.

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Concedo a palavra à senhora Valdineia da Conceição Rodrigues, moradora da 209.

Em seguida, usará da palavra a senhora Regina Xavier.

VALDINEIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES – Hoje eu gostaria de aproveitar a presença do representante da São José para relatar algumas coisas.

Eu tenho 4 filhos e 3 deles fazem uso do transporte escolar. Este ano, um deles veio para o CED 11 e perdeu o transporte escolar da antiga escola. Eu pedi o transporte escolar da escola no início do ano, só que o meu filho não foi contemplado. Por causa disso, começamos a usar o transporte escolar de manhã cedo, que – misericórdia – é horrível!

O ônibus que eu tinha que pegar para chegar a tempo na escola é o de 6 horas e 40 minutos. É o ônibus da linha 364.1, que é o Gilliard/Vitória. É um ônibus superlotado. Ele pega o pessoal do Gilliard, sobe a VC e, quando ele entra no Vitória, está tão lotado que, às vezes, o ônibus tem que parar, forçar as pessoas a irem para trás – forçar mesmo, porque elas não cabem lá – para caber mais pessoas, a fim de a viagem seguir. E, se as pessoas não forem para trás, o ônibus não segue viagem. Isso já aconteceu várias vezes.

Devido a isso, aconteceu até uma confusão, e eu não pego mais esse ônibus. Eu chego atrasada, mas eu não o pego. E o que eu faço? Eu pego o ônibus de 7 horas e 4 minutos para evitar a confusão que acontece no ônibus de 6 horas e 40 minutos. Misericórdia! Quando eu chego à parada do CED 11, tenho que ir correndo. Uma vez eu até cheguei a perder o ônibus, porque o meu filho pega o ônibus para ir até a Escola Parque. Então, é desse jeito.

Voltando para o transporte escolar, eu fiz o pedido, mas até hoje não fui contemplada com o transporte dele.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Ele tem Passe Livre? Ele está usando Passe Livre agora?

VALDINEIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES – Não. Devido a essa questão de ele ainda não ter sido contemplado com o passe, estamos usando o ônibus da São José que, no caso, é superlotado.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Vocês estão pagando do bolso, então, é isso?

VALDINEIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES – Sim, desde o início do ano, estou pagando do meu bolso. Até agora, o transporte dele não saiu. Como eu tenho que levá-lo – ele tem 11 anos, mas eu não confio de deixá-lo ir só –, eu tenho que pagar a minha passagem e a dele. E levo também a minha pequenininha. Eu o deixo lá e volto a pé do CED 11 para a 209, 2 vezes por semana, quando ele faz o integral. Todas as vezes eu desço a pé com ela. Que o motorista não seja punido, mas, como eu pego a mesma linha, quando eu desço e ele me encontra no caminho, ele me dá carona. Não é todas as vezes, mas, quando eu estou descendo, ele me dá carona. Às vezes, eu nem vejo quem é, mas agradeço. Eu digo: “Obrigada”. Mas que ele não seja punido!

Como eu pago do meu próprio bolso, eu gostaria de saber se o governo vai me devolver esse dinheiro.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Valdineia, infelizmente, não. Mas aqui nós temos uma missão. Procure a nossa equipe e passe os dados do seu filho, para que possamos consultar o BRB Mobilidade e sabermos o porquê de terem negado e o porquê dessa demora e desse atraso, se há ou não algum documento pendente. Nós vamos correr atrás disso e ver o que está empecilhando isso, já que o acesso ao transporte é um direito dele. (Palmas.)

MESTRE DE CERIMÔNIAS – Para encerrarmos o nosso ciclo de fala, passaremos a palavra à senhora Regina Xavier, voluntária da região.

REGINA XAVIER – Boa tarde, pessoal.

Alguns aqui já me conhecem. Eu sou uma pessoa que abrange todos os setores destinados a agradar à sociedade, ajudando o próximo. Eu não lido com partidos e sim com o próximo, ajudando a minha comunidade. Eu moro em frente à Feira do Produtor e gostaria de pedir aos líderes, independentemente da linha... Acho que isto já pode estar sendo trabalhado, mas eu não tenho conhecimento. Eu leio bastante. Peço uma linha a mais para a Escola JK, melhor dizendo, para a creche Sarah Kubitschek, ao lado da Escola JK, porque os pais têm que estar lá às 7 horas da manhã. Eu sei disso porque já levei meu filho para a creche. Como a colega falou, os ônibus vêm engavetados, um atrás do outro, no mesmo horário. Não há um espaço de meia hora, 15 ou 20 minutos. Se você perde um, perde todos. Inclusive, nós temos que descer a pé, com criança, com recém-nascido. Não há ônibus onde moramos. Temos que descer a pé para a Escola JK. Há ônibus? Há. Só não há horários. São poucos. Portanto, se puderem colocar mais uma linha, eu agradeço.

Eu creio que algum empresário já deve estar pensando sobre isso. Uma creche vai beneficiar muitas crianças e muitos pais. Da creche, eles têm que ir para o trabalho e, portanto, precisam descer rápido.

Outra questão: eu não moro no Vitória, mas, como falei, eu estudo sobre tudo que eu posso para ajudar a comunidade e, aqui no Vitória, você consegue descer, mas, se quiser subir para o P Norte, tem que ser a pé. Os ônibus vêm sempre do mesmo jeito: ou lotado, ou um atrás do outro. Para subir, não tem, não. Seria uma bênção se um ônibus que vem do P Norte passasse por trás da Feira do Produtor, direto para a Casa Branca. Quem conhece sabe do que eu estou falando. Ali não passa ônibus. Seria uma bênção. O pessoal do P Norte não conhece a Escola JK. Se eles têm filhos lá, têm que pegar um ônibus para a Ceilândia ou para um outro lugar, para poder chegar à escola e buscar seu filho. De onde sairia esse ônibus? Do P Norte. O pessoal do Setor O iria para lá.

O meu filho faz Vila Olímpica. Convido os pais a colocarem seus filhos na Vila Olímpica, para que eles sejam um cidadão de bem no futuro. Lá não há ônibus que vá para a Escola JK. Eu faço esse trajeto, coloco o filho na natação e, de lá, corro para a Praça da Bíblia, desço na UPA, depois

vou para a Feira do Produtor. É uma maratona para o menino chegar à escola. Por que faço isso? Porque não quero visitar o meu filho na cadeia. Entendeu, pessoal? É o que eu passo para as mães.

Pais e mães, não vamos ficar só falando do pessoal, porque muitos deles estão aqui ocupados com outras coisas. Sim, eles têm obrigações, mas vamos voltar àquela comunidade que abraça, pega na mão um do outro e fala: "Vizinha, eu tomo conta do seu filho. Eu quero saber, sim, o que ele tem hoje. Se você não pode ir à reunião, eu vou para você." Vamos fazer grupos no WhatsApp e saber o que se passa na nossa rua. De acordo com a demanda, nós nos juntamos e fazemos um abaixo-assinado e o entregamos nas mãos dos líderes. Antigamente era assim e tudo dava certo.

Se virmos o adolescente fazendo coisa errada: "Vizinha, você viu que seu filho está ali?" Liguemos para ela no serviço dela, perturbemos a vizinha, que ela vai nos agradecer no futuro. Eu creio que unidos seremos melhores do que a polícia. Antigamente, os adolescentes tinham medo das vizinhas. "Nossa, a tia está me vendo, eu não vou fazer nada errado, senão, ela vai contar para a minha mãe". Isso funcionou! Eu tenho 45 anos de Brasília. Os vizinhos não eram nossos donos, mas nós os respeitávamos como se eles fossem nossos pais.

Era o que tinha a dizer para vocês. Esse trabalho eu divulgo bastante nas minhas redes sociais e na Casa da Mulher Brasileira. Tudo que há de bom eu divulgo.

Vocês podem contar comigo. Meu número é 85070317. Eu também sou uma mãe solteira, mas sou vitoriosa. Estou com vocês.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Muito bom, Regina. (Palmas.)

Gostei desse encaminhamento e digo que isso é verdade. Quando as mães do território viam os outros, não havia erro, não, era puxada de orelha.

Antes de encerrar, quero agradecer a toda a comunidade e às autoridades que nos honraram com suas presenças.

Abro a disponibilidade do tempo para alguém que queira fazer algum comentário, sobretudo ao representante da São José.

Concedo a palavra ao representante da São José, Manoel Messias.

MANOEL MESSIAS – Fizemos algumas anotações e vamos trabalhar de forma mais redobrada, buscando, sim, transpor as dificuldades e levar os resultados para uma melhor perspectiva.

Para mim é realmente satisfatório estar presente para ouvir quem realmente entende, que é quem está usando o transporte. De acordo, também, com as nossas situações, como operadores, estamos programando ir ao encontro disso.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Concedo a palavra à professora Liza de Andrade. Em seguida, ao administrador Cláudio Ferreira.

LIZA DE ANDRADE – Eu fiquei muito comovida com os relatos.

Por favor, empresário da companhia, atenda aos pedidos dessas pessoas, para que haja o mínimo de dignidade. Não dá para isso ser desse jeito. Por favor, nós temos direito à dignidade. Esse é um apelo que nós fazemos a você.

Eu queria agradecer a todos e parabenizar o senhor pela brilhante audiência pública. Nós somos fãs número 1 desse deputado, que é maravilhoso. Agradeço à sua equipe maravilhosa também, a todos vocês.

Eu não poderia deixar de agradecer ao MTD – eu comecei a falar, e ainda estava no começo –, ao Milson, ao Tobias e à Suzi, que participaram desse trabalho. Sem o MTD não conseguiríamos fazer esse trabalho. Pena que eles não puderam estar presentes. Assim como o MTST, o MTD faz um

trabalho muito importante. Espero estar com vocês também do MTST no ano que vem nesse planejamento comunitário.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, professora Liza.

Concedo a palavra ao administrador Cláudio Ferreira.

CLÁUDIO FERREIRA – Eu gostaria de agradecer a todos que compõem a mesa e ao deputado Max Maciel por dar essa oportunidade para a comunidade e as lideranças se manifestarem.

Quero também agradecer à Câmara Legislativa por esta iniciativa. Contem com a administração! Estamos à disposição da comunidade.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado.

Concedo a palavra ao representante do MTST, senhor Eduardo Borges.

EDUARDO BORGES – Mais uma vez, eu queria deixar o nosso agradecimento por esta iniciativa muito importante. Quero fazer um reforço, fazendo coro à Sirleide. O ônibus que faz a linha 159 retorna no meio do caminho e não desce até lá embaixo. Isso é muito importante porque ele é o ônibus que mais passa e só passa até o balão ou até uma parada. É muito importante porque há uma comunidade que mora lá no Gilliard, na quadra 209, e na própria 105, que tem que subir até lá em cima. Então, é muito importante que possamos colocar o 159 para andar um pouquinho mais lá embaixo e atender melhor à comunidade.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Eduardo.

Concedo a palavra à senhora Larissa Alencar Rodrigues.

LARISSA ALENCAR RODRIGUES – Bem rapidinho, só para agradecer mesmo a todos os presentes, primeiramente. Agradeço também ao deputado Max Maciel e à Comissão de Transporte e Mobilidade. Digo que iremos continuar cobrando que a situação melhore. Vamos continuar no pé e contamos com o gabinete, com os assessores do deputado Max Maciel e com os demais deputados que estão na comissão para cumprir essa tarefa e melhorar as coisas para nós.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, Larissa.

Concedo a palavra ao doutor Dênio.

DÊNIO AUGUSTO DE OLIVEIRA MOURA – Bom, eu só queria agradecer, mais uma vez, esse convite. O Ministério Público estará sempre à disposição para participar em outras localidades. É sempre uma satisfação. Quero lembrar que ontem participei da oficina participativa da revisão do PDOT que a Seduh vem conduzindo. São 55 oficinas participativas e eu já participei de algumas. Coloquei lá para algumas pessoas que o planejamento urbano, inclusive no que diz respeito à mobilidade, é algo que temos que exercitar todos os dias. Como vimos, são as pessoas que usam que sabem o que é necessário.

Lembrando a minha fala inicial, precisamos ocupar os espaços de participação de uma forma qualificada, ou seja, por meio de sociedade civil organizada e buscar essas conquistas. Não há outro caminho! A população tem que participar no seu dia a dia, tem que se organizar e tem que retomar esse espaço que já foi dela.

Muito obrigado, deputado, mais uma vez. Estamos à disposição.

PRESIDENTE (DEPUTADO MAX MACIEL) – Obrigado, doutor Dênio.

Gente, além de todas as pessoas que falaram, quero reforçar a presença do promotor de

justiça do patrimônio público, doutor Alexandre, que está conosco; do Guilherme, do Ministério Público de Contas; do Antônio Martins, da Seduh; do Rafael Lima, da SUOP, a Subsecretaria de Operações. Apesar de não estarem à mesa, eles estavam ouvindo.

Quero reforçar que é a segunda audiência pública em que convidamos a Semob e ela não se faz presente à mesa para fazer encaminhamentos. Nós temos tido muito respeito com o Governo do Distrito Federal, mas não dá para a Semob não se colocar conosco para fazer um encaminhamento propositivo. Nós estamos querendo ajudar e evitar a convocação por parte desta comissão.

Quero deixar registrado que esta audiência está sendo gravada e que, no dia 29, vamos realizar mais uma reunião técnica, convidando todas as áreas que envolvem a mobilidade do Distrito Federal para debater sobre essas obras que estão sendo implementados, para ver se elas, pelo menos, conversam entre si. Nós torcemos muito para que os órgãos se façam presentes com o nosso convite, mas, se não aparecerem via convite, eu deixei a nossa equipe pronta para que faça um instrumento de convocação, porque isso é caso de improbidade administrativa.

Nós não estamos aqui perdendo tempo: nós estamos fazendo relatório e visitando a comunidade. Passamos o dia todo indo às escolas e aos pontos de ônibus – um trabalho que o GDF deveria ter feito. Nosso papel de fiscalizador é colaborar. Nós fizemos um estudo e encaminhamos sugestões. Nós não estamos aqui só para criticar por criticar, nós estamos aqui para colaborar. Mas também precisamos dessa devolutiva de forma sincera. Nós mandamos 14 ofícios para a Semob e ela não respondeu até agora.

Ninguém entende esse sistema que está numa planilha de Excel. Isso não pode estar numa planilha de Excel, tem que estar na mão de todo mundo. Não é a empresa que vai dizer que o ônibus vai passar às 10 horas, quem tem que dizer é a população que o ônibus vai passar às 5, às 6, às 4, porque é ela que entende a demanda e não pode chegar atrasada ao trabalho.

Rafael, essa fala não é para você, que está aqui nos ouvindo. Essa fala é para o conjunto. Estar no Executivo – está aqui o administrador – é saber que está lá para tomar porrada e ser elogiado. Essa é a função pública dele, assim como a minha. Você acha que quando saímos às ruas nos apresentando como deputados, todos nos abraçam? A culpa do hospital é minha, a culpa da falta do ônibus é minha, a culpa do buraco é minha. Fui eu que não fiz. E nem por isso eu saio falando que isso é culpa do governo. Falo que está certo, que a culpa é nossa, que nós estamos aqui para fiscalizar, peço para tirar a foto e encaminhá-la.

Nós vamos, mais uma vez, despachar todas as sugestões para a secretaria e esperamos encarecidamente que a CLDF seja respeitada. Eu vou ligar para o presidente deputado Wellington Luiz e vou falar com o secretário Maurício porque nós estamos vendo uma falta de respeito com a nossa comissão quando nós convidamos os órgãos e alguns não se fazem presentes para ouvir a comunidade. Isso é falta de respeito com a comunidade e com a casa, que é o poder constituído.

Quero, mais uma vez, agradecer aos intérpretes de libras: Amanda Cunha e Meriane. Muito obrigado por estarem aqui conosco. Agradeço aos colaboradores da copa, da limpeza, da TV Câmara Distrital, do cerimonial, do setor de apoio ao plenário, da parte técnica da comissão, de todo o nosso mandato do gabinete “aba reta” e todos os demais colaboradores que contribuíram para o sucesso desta audiência pública. Agradeço também às autoridades e aos convidados presentes nesta mesa que honraram a Câmara Legislativa do Distrito Federal com suas presenças. Muito obrigado.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência pública às 17 horas e 12 minutos.

(Levanta-se a reunião às 17h12min.)

Observação: nestas notas taquigráficas, os nomes próprios ausentes de *sites* governamentais oficiais foram reproduzidos de acordo com a lista disponibilizada pelo cerimonial desta casa ou pelo gabinete do deputado autor do requerimento de realização deste evento.

Siglas com ocorrência neste evento:

BRB – Banco de Brasília
CCOs – Centros de Operação e Controle
CED – Centro Educacional
CLDF – Câmara Legislativa do Distrito Federal
Cootransp – Cooperativa de Transportes de Pessoas e Cargas Ltda
CTMU – Comissão de Transporte e Mobilidade Urbana
EPTG – Estrada Parque Taguatinga
GDF – Governo do Distrito Federal
GPS – Global Positioning System
MP – Ministério Público
MPDFT – Ministério Público do Distrito Federal e Territórios
MTD – Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos
MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
PDOT – Plano Diretor de Ordenamento Territorial
PNE – Pessoas com Necessidades Especiais
RA – Região Administrativa
RRD – Redução de Risco de Desastres
Seduh – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação
Semob – Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana
Suop – Subsecretaria de Operações

As proposições constantes da presente ata circunstanciada podem ser consultadas no [portal da CLDF](#).



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516, Chefe do Setor de Taquigrafia**, em 27/11/2023, às 14:04, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
Código Verificador: **1409468** Código CRC: **266EB991**.

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, Piso Inferior 1, Sala TI-3– CEP 70094-902– Brasília-DF– Telefone: (61)3348-9241
www.cl.df.gov.br - setaq@cl.df.gov.br

00001-00000342/2023-04

1409468v9